



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS II – ALAGOINHAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL**

WELLINGTON DE SOUZA MADUREIRA

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A REPRESENTAÇÃO DOS
ENCOURADOS PELOS VAQUEIROS DE PEDRÃO - BA**

Alagoinhas-BA
2015

WELLINGTON DE SOUZA MADUREIRA

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A REPRESENTAÇÃO DOS
ENCOURADOS PELOS VAQUEIROS DE PEDRÃO - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Crítica Cultural.

Orientador: Prof^a. Dr^a Edil Silva Costa.

Alagoinhas-BA
2015

WELLINGTON DE SOUZA MADUREIRA

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A REPRESENTAÇÃO DOS
ENCOURADOS PELOS VAQUEIROS DE PEDRÃO - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Crítica Cultural, em 07 de abril de 2015.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Edil Silva Costa Doutora em
Comunicação e Semiótica, PUCSP Universidade
Estadual da Bahia

Prof^a. Dr^a Josebel Akel Fares Doutora em
Comunicação e Semiótica, PUCSP Universidade
do Estado do Pará

Prof^o.Dr.Washington Luis Lima Drummond
Doutor em Arquitetura e Urbanismo, UFBA
Universidade Estadual da Bahia

FICHA CATALOGRÁFICA

M178m Madureira, Wellington de Souza.

Memórias e narrativas: a representação dos encourados pelos vaqueiros de Pedrão-BA. / Wellington de Souza Madureira. – Alagoinhas, 2015.

105f.;il

Dissertação – (Mestrado em Crítica Cultura) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Letras. Campus II.

Orientadora: Prof^o. Dr^a Edil Silva Costa.

1. Cultura popular- Pedrão (BA). 2. Memórias narrativas. I. Costa, Edil Silva. II. Universidade do Estado da Bahia. III. Título

CDD 306.098142

A todos/as que deixaram suas marcas ao longo de todo o período de realização dos estudos e elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as andanças e os percalços na trajetória de construção dessa pesquisa. Por outro lado, um sentimento de companheirismo através de diálogos e debates colaboraram para que o êxito dessa dissertação fosse alcançado.

Começo agradecendo a Dulcinéia Santos Reis, que a todo tempo, com seu entusiasmo franciscano, me incentivou fazendo acreditar na possibilidade de entrar para o grupo de estudos do Mestrado em Pós-Crítica. Ao mesmo tempo, me apresentou Alda Pereira, a quem eu devo os créditos de confiança quando acreditou que uma ideia podia ser transformada em tema de pesquisa, e debruçou-se no intento de juntos darmos um rumo e uma ordem a essa proposta de trabalho, transportando-as do turbilhão do meu pensamento para a calmaria da folha em branco.

Ao meu amigo Luiz Américo do Lago Silva, por ter participado e acompanhado todos os momentos dessa caminhada. Como um mensageiro da felicidade, é você que me transmite a notícia da aprovação no Programa de Mestrado do Pós Crítica.

A professora Dra. e minha orientadora Edil Silva Costa, pela doçura e talento em provocar cortes e rupturas diante das angústias e confusão de um historiador no território das letras, mostrando com clareza os caminhos da leitura, pesquisa e escrita. Aos meus professores do Programa, pelas preciosas colaborações, através das contribuições teóricas necessárias ao amadurecimento intelectual das ideias aqui defendidas.

Aos meus colegas do Mestrado, uns mais próximos do meu coração, outros nem tanto, porém cada um com uma contribuição visível e invisível, que de alguma forma estão presentes em minha pesquisa. À Carla do Espírito Santo Xavier, que com a força que traz no seu sobrenome, clareava meus momentos cinza de dúvidas e incertezas, no trato das ideias acerca do meu objeto de pesquisa e a André Nascimento, que com seu sentido de perfeição, muitas vezes me mostrava uma outra possibilidade de compreender o objeto pesquisado.

Ao acolhimento dos intérpretes da minha pesquisa da cidade de Pedrão, na figura da Associação dos Encourados de Pedrão (AEP), tendo como presidente

Anderson dos Santos Maia, e seus integrantes, bem como também as pessoas que, mesmo não fazendo parte do grupo dos representantes dos Encourados, me abriram suas portas e me receberam com o carinho de uma boa conversa.

À Alécio Gama dos Reis, que com sua dissertação de Mestrado sobre os vaqueiros de Irecê, me encorajou e abriu caminho dentro do universo da literatura sobre vaqueiros. À Albenice Hilário dos Santos, que com seu trabalho de TCC sobre os Encourados de Pedrão, me aproximou desses personagens históricos.

A Olandiara Aragão que, com sua paciência, revisou o meu texto e procurou dar sentido quando ainda procurava sistematizar minha escrita na primeira fase. A Elba Jussara, que com anos de amizade entendeu e se dispôs a corrigir os textos, que na fase final eu tanto me debatia para colocá-los de forma clara aos leitores.

A professora Dra. Jozebel Akel Fares e ao professor Dr. Washington Drummond, por terem aceitado o convite para fazerem parte da banca avaliadora, pela atenção nas leituras e contribuições dadas no período da qualificação.

Deixo para o final as pessoas mais especiais para mim, porque acredito que somente elas são capazes de me ofertarem o conforto do descanso depois de uma caminhada de dois anos de pesquisa acadêmica; meus pais, Edla de Souza Madureira e Antonio Madureira. Sem o amor, carinho, dedicação e apoio desprendido por vocês, esta etapa não teria sido cumprida.

A minha irmã Evanilda Dantas de Aguiar, que de seu modo e através de suas orações, sinto-me protegido e fortalecido. Ao meu Mestre e Senhor, que me orienta, me inspira e me guarda, D'us.

“Ele é o espírito ou ele é assim,
porque Deus é o nosso guia,
então o vaqueiro é o guia do boi.”
(D. Joselita, moradora de Pedrão).

RESUMO

Pedrão é um município brasileiro do Estado da Bahia com uma população estimada, no ano de 2004, de 6.739 habitantes. Sua economia é basicamente agrária, com destaque também para a produção de leite. Dessa localidade parte, em 1822, um grupo de 40 voluntários e vaqueiros conhecidos como Encourados de Pedrão. Esses voluntários tinham como objetivo participarem da luta pela Independência da Bahia. De acordo com os habitantes mais velhos desta localidade, *“a Independência da Bahia começou em Pedrão, pois foram os corajosos Encourados de Pedrão que lutaram na linha de frente e expulsaram os portugueses da Bahia”*. Assim sendo, cabe hoje à Associação dos Encourados de Pedrão (AEP) manter viva essa memória através do desfile cívico do Dois de julho, quando seus membros personificam esses sujeitos históricos de destaque na historiografia baiana. Entretanto, cada época recupera e atribui ao popular um sentido, que, em princípio, resulta das relações das formas de narrar, ao mesmo tempo que essas relações estabelecem determinados imaginários. Assim, através de uma perspectiva crítica, essa pesquisa objetiva tanto conhecer e compreender esses atores, tendo como partida suas narrativas orais, quanto entender os caminhos que os levam inicialmente a fazerem parte do grupo de representantes desse movimento; além de personificar esse sujeitos históricos dentro do desfile cívico do Dois de Julho. Esta investigação se define como qualitativa e preocupa-se com a compreensão de um grupo social, produzindo informação e apontando aspectos da realidade. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois tem como objetivo gerar conhecimento para os interesses locais. Ao mesmo tempo, esse meu exercício de pesquisar adquire um caráter etnográfico quando me debruço na observação participante sustentada pelas entrevistas e análise de documentos, o que permite uma interação entre pesquisador e o objeto pesquisado. Por conseguinte, através do método da história oral, pautado no emprego das narrativas, buscou-se registrar impressões, vivências e lembranças desses indivíduos que se dispuseram a compartilhar suas memórias com a coletividade.

Palavras chave: Identidade, Memórias, Narrativas, Representação, Vaqueiros

ABSTRACT

Pedrão is a municipality in the State of Bahia. With an estimated population in the year two thousand and four was 6,739 inhabitants. Its economy is basically agrarian and especially also for milk production. This locality in 1822 of a group of 40 volunteers and cowboys known as Encourados of Pedrão. These volunteers were intended to participate in the struggle for independence of Bahia. According to what they say the older inhabitants of this town, "" the independence of Bahia began in Pedrão, as were the brave Encourados of Pedrão who fought on the front line and drove out the Portuguese of Bahia. " Therefore it is now the Association of Encourados of Pedrão (AEP) keep alive the memory through the civic parade Two of July, when its members embody these prominent historical subjects in Bahia historiography. However each time recovers and gives the popular meaning, which in principle follows from the relations of the ways of narrating, while these relationships establish certain imaginary. Thus, through a critical perspective this research aims to know and understand from a starting oral narratives of actors paths that initially lead to being part of the group of representatives of this movement and embody this historical subjects within the civic parade Two July. This research is defined as qualitative and is concerned with the understanding of a social group, producing information and pointing aspects of reality. As for the nature it is an applied research because I believe the objective of generating knowledge to local interests. At the same time that my exercise got a search ethnographic when lean over me in sustained participant observation from interviews and analysis of documents, thereby allowing an interaction between the researcher and the researched object. Therefore by the method of oral history, based on the use of narratives sought record impressions, experiences and memories of those individuals who were willing to share their memories with the community.

Keywords: Identity, Memory, Narrative, Representation, Cowboys

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista área da cidade de Pedrão – Ba.	16
Figura 2 - Imagem da formação original do grupo Encourados de Pedrão(1823).	16
Figura 3 - Encourados no desfile cívico do Dois de Julho.	17
Figura 4 - Foto aérea sobre a cidade de Pedrão.	24
Figura 5 - Foto da matriz da cidade de Pedrão.	24
Figura 6 - Imagem formação dos Encourados.	27
Figura 7 - Foto do obelisco erguido em homenagem aos Encourados situado na praça Encourados da Independencia em Pedrão.	32
Figura 8 – Figura do Caboclo.	37
Figura 9 - Encourados no desfile cívico.	38
Figura 10 - Os Encourados de Pedrão no desfile cívico de Dois de Julho 2013.	42
Figura 11 - Reunião da Associação dos Encourados de Pedrão (2014).	44
Figura 12 - Foto da Formação do grupo dos Encourados.	47
Figura 13 – Foto Cavalgada dos representantes dos Encourados.	47
Figura 14 – Imagem de um vaqueiro encourado (2014).	51
Figura 15 – Representantes em comemoração cívica.	52
Figura 16 – O vaqueiro Encourado.	53
Figura 17 – Homens em trajes de vaqueiro.	62
Figura 18 – A participação de mulheres como colaboradoras.	64
Figura 19 - Foto dos arredores de Pedrão (2014).	74
Figura 20 - Vista da entrada principal da cidade de Pedrão (2014).	76
Figura 21 - Foto da paisagem de Pedrão (2014).	77

Figura 22 – Foto de vaqueiro.	81
Figura 23 - Seu José do Morro, mais antigo vaqueiro vivo do município de Pedrão.	84
Figura 24 - Reunião da Associação Encourados de Pedrão 08/06/2014.	87
Figura 25 - Apresentação do presidente da Associação Encourados de Pedrão no V Colóquio Modos de Produção e Circulação Cultural – UNEB.	89
Figura 26 - Encourados em formação.	92
Figura 27 - Quadro com fotos dos associados.	94

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1.1 O espaço e seus atores.....	15
1.2 Os caminhos da pesquisa.....	18
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	22
2.1 Caracterização dos Encourados de Pedrão.....	22
2.2 O desfile cívico do Dois de Julho.....	32
2.3 Participação dos Encourados no desfile cívico.....	39
3. OS ATORES VAQUEIROS PEDRONENSES	46
3.1 A força da representação – O desejo de participar	46
3.2 O sentido de representar por trás das narrativas	54
3.3 A cantiga de aboio : uma outra forma de narrar.....	67
4. VAQUEIRO, TERRITÓRIO E ASSOCIAÇÃO DOS ENOURADOS – O COTIDIANO DOS ATORES PEDRONENSES	70
4.1 Identificação e visibilidade.....	73
4.2 Associação dos Encourados de Pedrão (AEP): Representação e memória.....	86
Considerações Finais.....	96
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO

Muitas foram as inquietações e angústias até chegar ao meu objeto de pesquisa. A todo instante era importante procurar articular a minha formação acadêmica de pesquisador em História e, do outro, ao programa de Mestrado em Crítica Cultural, cuja grade curricular é construída a partir da área de Letras e Linguística.

Avançando nessa articulação, pensei numa proposta de pesquisa que fosse possível ser construída articulando de um lado a formação acadêmica do pesquisador, e do outro as contribuições teóricas do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

Em minha trajetória como professor de História da Rede Estadual de Ensino da Bahia, a historiografia baiana sempre esteve presente na minha prática docente, por meio de debates e reflexões. Nesse percurso, os elementos representativos que fazem parte do desfile cívico do Dois de julho¹, e que sustentam o seu significado e sentido, sempre me inquietaram.

Na observância desse desfile, que acontece anualmente, direcionei a atenção para um grupo de indivíduos que usava roupas de vaqueiro. Montados a cavalo, davam vida ao grupo patriótico, Encourados de Pedrão. Diante deste cenário problematizo sobre o sentimento que envolve esses sujeitos, que dão vida através da personificação desse movimento histórico e fazem parte da AEP (Associação dos Encourados de Pedrão), órgão que intermídia a participação desses representantes no desfile cívico do Dois de Julho.

Assim, a presente dissertação situa-se no estudo da representação que os Encourados de Pedrão adquirem dentro das narrativas orais dos vaqueiros pedronenses, membros da AEP, que os personificam no desfile cívico do Dois de julho, realizado na cidade de Salvador, todos os anos.

¹ Após a ocupação da cidade do Salvador pelas tropas portuguesas, em 19 de fevereiro de 1822, coube aos municípios baianos, liderados por Cachoeira, organizar a luta pela libertação da capital. No dia 25 de junho de 1822, a Câmara e o povo de Cachoeira aclamaram o Príncipe Regente D. Pedro, conclamaram os demais municípios da Bahia a luta pela independência do Brasil, organizaram o governo provisório independente e conduziram as forças brasileiras até a vitória final no dia 2 de julho. (Trecho extraído do livro; 2 de Julho, A Bahia na Independência nacional, p.5. Fundação Pedro Calmon, Governo do Estado da Bahia)

A história da humanidade e as práticas sociais de um povo sempre estiveram intrinsecamente marcadas e vinculadas à memória. Assim, a oralidade contribui para "documentar" o mundo, suas mensagens, suas experiências de vivências através de narrativas repetidas e memorialmente apreendidas. Hoje, estudiosos sociais, antropólogos e literatos reconhecem o caráter intelectual das narrativas orais em diversos contextos. Estudá-las torna-se importante na apreensão de condutas, costumes e ações de determinados grupos ou de atos individuais isolados, motivados pela memória social.

As narrativas orais desses vaqueiros constituem-se em elemento fundamental para a compreensão do processo de consolidação da memória cultural, uma vez que são reveladoras do imaginário local. Em Luís da Câmara Cascudo, (1984, p.27), destaco uma passagem que me estimulou seguir adiante no caminho da pesquisa:

A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra, bem velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo.

A literatura oral é considerada por José Meihy, (2005, p.22), "como todas as narrativas transmitidas oralmente e com estrutura de conto, poesia, "causos" não escritos e mantidos na tradição popular [...]". Desse modo, as narrativas orais de um grupo social trazem consigo elementos capazes de proporcionar o entendimento da sua cultura. Assim, pode-se considerar que a construção da identidade cultural desses personagens se sustenta nas suas narrativas orais, sendo o seu estudo um dos caminhos para o entendimento de uma cultura local reconhecida e respeitada, tornando-se capaz de sobressair-se e integrar-se à cultura nacional.

No exercício da pesquisa percebo que, através da oralidade e da transmissão oral, é que se preserva e compartilha saberes, costumes e tradições, sendo estes aspectos os responsáveis pela identidade dos povos e transferências de conteúdos intergeracionais. A prática narrativa se manifesta num conhecimento que não é enciclopédico e tampouco temporal. Assim, a transmissão das características de uma cultura é para Ecléa Bosi (2004), um dinâmico ato de reelaboração, uma vez que se absorve e ressignifica um conhecimento, transformando-o.

Trabalhar com narrativas orais implica estar envolvido com narrativas e versos que estão intimamente ligados às origens históricas, culturais, assim como as circunstâncias sociais imediatas das comunidades por onde ela circula. A dimensão simbólica das tradições orais perpassa o passado, o presente, o futuro e sustenta a estruturação do projeto social, lutando contra a efemeridade do saber e o apagamento da memória.

Neste horizonte, fundar uma concepção sobre esse tempo que se quer revisitar pela via da memória implica em firmar que a História é terreno comum a muitos e diferentes sujeitos, e que esta diversidade se apresenta como dimensão necessária para a compreensão crítica da realidade social. A partir desse olhar, há mais possibilidades de desconstruirmos as visões de um passado mitificado retratados por acontecimentos cristalizados e com periodizações que pouco tem a ver com as perspectivas que pretendo desvendar.

Há que se definir uma concepção de presente que seja permitida e, assim, atribuir significado ao passado que oriente nos em direção ao futuro que queremos construir, ou estaríamos traduzindo em conservadorismo social o culto pelo passado e transformando a memória em instrumento de prisão, e não de libertação.

1.1 O espaço da pesquisa e seus atores

Pedrão é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população estimada no ano de dois mil e quatro era de 6.739 habitantes. Conforme história popular, a origem do nome de Pedrão se deve a um caçador de nome Raimundo Alves, ao descobrir que o Arraial estava edificado sobre uma pedra, e por isso justifica o nome Pedrão, que foi sendo popularizado. Posteriormente, os moradores o adotaram, ficando o S.S. Coração de Jesus como o seu Padroeiro. De acordo com o que dizem os habitantes mais velhos desta localidade, a Independência da Bahia começou em Pedrão, pois foram os corajosos Encourados de Pedrão que lutaram na linha de frente e expulsaram os portugueses da Bahia².

² Essa idealização que não encontramos respaldo nos registros históricos foi destacada aqui com a finalidade de apresentar ao leitor a angústia pela origem com o intuito de valorizar o lugar e os sujeitos Encourados que contribuem para a formação identitária local.



Figura 1 - Vista área da cidade de Pedrão – Ba. Foto extraída do site: <https://www.facebook.com/PedraoBa?ref=profile>

Aqui a atual cidade de Pedrão, na Bahia. Uma cidade típica do interior, com ruas arborizadas e casas térreas. A maioria das casas são residenciais, e o comércio é reduzido. As ruas são largas, com pouco movimento de carros e ônibus.

O grupo que ficou conhecido como “Encourados”, por ocasião da guerra da independência, era composto por 39 homens, vaqueiros, em sua maioria negros, voluntários (ou não) do município de Pedrão. O objetivo desses vaqueiros era se juntarem às tropas do General Labatut na cidade de Cachoeira, seguindo para Salvador e assim lutarem contra os portugueses no processo de Independência da Bahia em 1823.



Figura 2 - Imagem da formação original do grupo Encourados de Pedrão(1823). Foto extraída do site: <https://www.facebook.com/PedraoBa?ref=profile>

A imagem acima representa a formação original dos Encourados de Pedrão. Um grupo de vaqueiros e voluntários, devidamente caracterizados com gibão, perneiras, chapéu de couro, calças de algodão branco ou couro, usando

como armas clavinas, espingardas ou bacamartes, todos a cavalo. Esse grupo representa o orgulho de lutar pela Independência da Bahia.

No Dois de Julho, evocando/perpetuando a memória daqueles vaqueiros-soldados, os Encourados de Pedrão participam da festa cívica baiana, representado por um grupo de homens, hoje agremiados em uma entidade intitulada Associação dos Encourados de Pedrão (AEP)³. Vestidos tradicionalmente a rigor, usam gibão, perneiras e chapéus de couro para assim representarem a figura tradicional do vaqueiro nordestino nesse desfile cívico desde a década de 50.



Figura 3 - Encourados no desfile cívico do Dois de Julho.
Arquivo pessoal em julho de 2012

Esta terceira imagem retrata o grupo dos Encourados de Pedrão, no desfile cívico de Dois de Julho. Representa o orgulho com que participam desse evento, como representantes de pessoas que efetivamente colaboraram para a Independência da Bahia.

De fato, as representações permitem também avaliar as ações que um indivíduo ou grupo constrói e propõem para si e para os outros. A representação que os indivíduos e os grupos fornecem através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social.

³ Associação fundada em 1º de outubro de 2007.

Para alguns moradores de Pedrão, a figura do vaqueiro é extremamente importante para a cultura local e nordestina, ao mesmo tempo em que é considerado como o herói do sertão nordestino, tendo em vista a sua luta diária, o seu dia a dia no semiárido, a sua resistência⁴.

1.2 – Os caminhos da pesquisa

Para ir ao encontro das narrativas orais e dos seus narradores, adotei procedimentos metodológicos específicos e qualificados para a coleta das narrativas orais (histórias de vida, causos e cantigas de aboio), observações e registros.

A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, posto que o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados além dos escritos. De acordo com Verena Alberti (1984, p.4),

a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos

Nessa linha, a história oral centra-se na memória humana e sua capacidade de recordar o passado enquanto testemunha do vivido. Entendo a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar e, portanto, perpetuar impressões, vivências e lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e, dessa forma, permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

A escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente. As fontes orais não são meros sustentáculos das

⁴ Abordo essas impressões pessoais e subjetivas presente nas narrativas dos moradores para pontuar e enfatizar a dimensão que a representação da figura do vaqueiro toma dentro da comunidade pedronense que, por conseguinte, implica na sua relação e identificação com os Encourados.

formas escritas tradicionais, pois são diferentes em sua constituição interna e utilidade inerente. Desse modo, com o objetivo de melhor compreender as nuances e impressões dos vaqueiros que representam os Encourados no desfile cívico do Dois de Julho, seguirei os princípios e determinações da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

Há, neste tipo de pesquisa, uma relação estabelecida no processo de construção de sentidos, que se observa contrária a concepção positivista, na medida em que procura privilegiar os estados subjetivos individuais. Desse modo, procuro me apropriar de sua teoria com vistas a construir e provocar uma aproximação gradativa que me permita descrever e compreender a visão de mundo dos sujeitos estudados.

Em outro momento, para que a pesquisa atendesse às normas e procedimentos propostos pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), elaborei e providenciei a obtenção dos termos de consentimento livre e esclarecido, possibilitando a validação da pesquisa junto à instituição⁵.

Como procedimento de campo, foi feita uma análise da documentação com o levantamento, fichamento e estudo de referencial bibliográfico relacionado à temática: identidade cultural, memória, história oral e historiografia baiana. Como fundamentação para norteamento do trabalho, os pressupostos teóricos trazidos por Alberti (2004), me permitiram refletir sobre as posturas adquiridas no momento das entrevistas, bem como os possíveis entraves e enfrentamentos no instante de aproximação entre o entrevistado e o pesquisador.

Ainda na perspectiva da autora, o processo da abordagem hermenêutica presente na metodologia da história oral possibilitou vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência. A partir desses subsídios, encontrei respaldo para avançar no território das entrevistas, que me permitiram chegar a um tecido memorialístico, na qual as histórias emergiram e deram pistas concretas do que buscávamos.

Por se tratar de uma pesquisa que procura privilegiar as narrativas orais dentro de um viés histórico, busquei subsidiar minhas entrevistas tomando como referência as considerações de Antônio Montenegro, (2013), por considerar que os depoimentos presentes em sua obra carregam uma marca sobre a representação popular produzida no constructo de embates com a cultura produzida oficialmente, e por não considerar a cultura popular como algo perdido. Para o autor; “ela [a cultura

⁵Esses termos se encontram em anexo.

popular] está presente, pelas próprias condições materiais de carência radical das condições mínimas de sobrevivência, ao gerar uma produção material e simbólica” (MONTENEGRO, 2013, p. 13).

Trabalhar com as narrativas pessoais de um determinado grupo social é avançar no campo das memórias e das lembranças. Assim, busco nos escritos de Bosi (2009) embasamento sobre memória e sociedade, uma vez que a autora faz uma cartografia da memória, primeiro através da análise estrutural da memória, logo depois das engrenagens que fazem operar o conteúdo memorialístico nos sujeitos e assim, nos instrumentalizar para poder compreender como existem diferentes meios de trazer à superfície as lembranças através de nossas entrevistas, e como é necessário respeitarmos o tempo memorial de cada entrevistado.

Ainda no contexto das memórias implicadas no processo das narrativas orais contarei como as abordagens de Peter Burke (2000), Jacques Le Goff (2003), Alessandro Portelli (2000), Jacy Seixas (2001), Paul Zumthor (1997), esses com diferentes olhares sobre um mesmo prisma em relação às narrativas, às suas construções e o seu funcionamento dentro de um coletivo. Esses diferentes posicionamentos me permitem não incorrer em uma compreensão unilateral frente ao objeto pesquisado.

Em Cascudo (1939) procurarei, através de sua obra, adentrar no universo dos vaqueiros que fazem parte da literatura nordestina, buscando seu sentido dentro do território das fazendas e também a sua relação com sua atividade laboral. Essas impressões trazidas pelo autor ajudarão no momento em que a pesquisa foi direcionada aos vaqueiros pedronenses, para assim compreender o sentido que o desfile dos Encourados nas comemorações cívicas do Dois de Julho adquirem na atualidade.

Já que a pesquisa partiu de um contexto histórico, que é o fio condutor para o seu desenvolvimento, foi parâmetro para o meu estudo as leituras dos historiadores Wlamira Albuquerque (1996), Hendrik Kraay (2000) Sergio Guerra (2004) e Socorro Martinez (2000). Tais autores buscam nos registros oficializantes tornar público os seus registros, bem como oferecer lacunas para que o pesquisador possa preenchê-las com suas outras fontes.

A dissertação será dividida em três capítulos que se estruturam e se constroem a partir das relações estabelecidas entre teoria e as narrativas. No primeiro capítulo, farei a contextualização histórica do movimento Encourados, abordado a partir do pensamento dos historiadores Albuquerque (1996), Kraay

(2000), Guerra (2004) e Martinez (2000). Enfoca-se na formação do grupo de voluntários Encourados de Pedrão, a festa do Dois de Julho e os Encourados dentro do desfile cívico do Dois de Julho. Essa estruturação do primeiro capítulo constituiu-se através de tópicos que fornecerão ao leitor uma visão parcial do pano de fundo que se constitui no arcabouço dessa pesquisa. Além das leituras dos historiadores acima, os tópicos foram subsidiados por recortes de jornais e material disponível no ambiente virtual (internet).

No segundo capítulo, tratarei de identificar como acontece a construção da relação entre o vaqueiro e os representantes dos Encourados, e também como aflora o desejo desses vaqueiros de se integrarem e fazerem parte dessa representação como atores que dão vida a um movimento histórico do passado. Essa abordagem se delineará levando em consideração os conceitos e abordagens de representação simbólica teorizadas por Thompson (1998) e Benjamin (1994), bem como o sentido da performance e do espetáculo presente nas leituras de Guy Debord (1997) ambas análises servem para apresentar ao leitor como esses conceitos servem para reforçar o sentido da participação dos entrevistados no desfile cívico do Dois de Julho.

Tomando das memórias presentes nas narrativas orais coletadas, e outras formas de oralidade como a cantiga de aboio, que carreguem no seu interior as impressões dos vaqueiros sobre o movimento que representam, os Encourados de Pedrão (1823), utilizarei as teorias Bosi (2009), Burke (2000), Le Goff (2003) e Zumthor (1997) para nos dar sustentação.

No terceiro capítulo busquei a estruturação do território pedronense, a figura do vaqueiro, sua contextualização histórica e social, ao mesmo tempo que pontuarei a visibilidade e a importância que o vaqueiro adquire no município de Pedrão, à luz das ideias de Santos (2008), Andrade (1987), Cascudo (1939), e Queiroz (1987). Dando seguimento à construção do capítulo, introduzirei o papel da Associação dos Encourados de Pedrão (AEP) por perceber sua importância como responsável pela representação dos Encourados através dos seus associados no desfile cívico do Dois de Julho e, ao mesmo tempo, seu lugar na manutenção da memória da comunidade local pedronense.

Além de leituras sugeridas para o terceiro capítulo, acrescentei o uso de entrevistas e fotografias, com o intuito de permitir ao meu leitor uma aproximação subjetiva norteada pelas narrativas e a visualização do ambiente em que os sujeitos pesquisados fazem parte.

As considerações finais traçam um breve comentário sobre o que se pôde perceber a respeito das impressões dos personagens que se utilizam das narrativas orais para descrever o sentimento de pertencimento em relação ao seu lugar como atores que representam sujeitos de um passado histórico. Não se tem como objetivo apresentar ideias que finalizam o assunto abordado nesta dissertação, mas permitir que se reflita sobre a prática cotidiana milenar que permanece até hoje, o ato de relembrar.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 Caracterizações dos Encourados de Pedrão: um olhar sobre as fontes históricas

Nessa seção sublinharei, dentro de uma perspectiva historiográfica, o lugar que os Encourados assumem nos documentos oficiais. Essa abordagem é necessária para que o leitor se situe na gênese histórica do movimento e assim, a partir desse ponto, possa compreender a dimensão do sentido por trás de sua representação, que se perpetua no espaço local e no discurso oficial.

A cada momento a historiografia tem conseguido ampliar as suas áreas de investigação. Diferentes marcos teóricos conceituais são reiteradamente agregados e reelaborados. Os trabalhos historiográficos mais recentes têm revelado todo um universo de tensões e movimentos, permitindo perceber a existência de um ambiente social não estático.

A partir das contribuições elencadas por este tipo de estudo, é possível vislumbrar uma multiplicidade de formas peculiares de luta, resistência, integração, diferenciação, permanência e transformação. É preciso ressaltar que a história, desde os primórdios, sempre exerceu um papel preponderante no processo de construção histórica. Desse modo, a história e seus entrelaces continuam sendo nossas melhores fontes de informação sobre as possibilidades humanas e suas engrenagens enquanto grupo social.

Proponho, antes de apresentar os personagens que compõem o grupo de vaqueiros voluntários denominados Encourados de Pedrão, descrever o território em que emerge essa passagem histórica. É válido ressaltar que, em 1823, esses vaqueiros e voluntários, partem para a cidade de Cachoeira, com o objetivo de se

juntarem as tropas do General Labatut e expulsarem os portugueses das terras baianas.

Sobre território, Milton Santos (2008, p.97) entende que:

o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ela influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população.

Desse modo, enfatiza-se o quanto o espaço geográfico está presente na formação identitária dos indivíduos e nas suas ações.

Sobre as origens do município de Pedrão, atestam os registros históricos que deram início à formação do povoado a partir do sec. XVIII, como parte da concessão das sesmarias de Garcia D'Ávila por Tomé de Souza, com uma economia predominantemente voltada para a criação de gado.

Pesquisando sobre narrativas que dessem conta do nome da cidade para além do texto oficial, deparei-me inicialmente com um relato de Galdino, poeta e morador da cidade:

Um caçador de nome Raimundo Alves, em suas caçadas observou um enorme alicerce construído pela natureza – uma enorme pedra. Certamente ele tentou desmanchar algum orifício de tatu ou outro animal que se entocava nesse tipo de esconderijo, como profundidade no solo. Em função disso, passou-se a denominar-se arraial de Pedrão não só pelo caçador, como por outros moradores que adotaram esse nome, ficando o coração de Jesus como seu padroeiro.”⁶

Pedrão está situado no litoral norte do Estado da Bahia, microrregião geográfica de Feira de Santana. Segundo dados do último censo IBGE de 2010, a população estimada é de 6.896 habitantes, possui uma área de 159,79Km², tendo como municípios de fronteira Aramari, Coração de Maria, Irará, Ouriçangas e Teodoro Sampaio. A região de Pedrão é dividida em zona rural e zona urbana. Além do distrito sede, o município também é composto por povoados e fazendas que formam sua zona rural, distribuídos em cerca de trinta e sete comunidades que fazem parte do seu território.

⁶ Essa narrativa está presente em sua obra *Pedrão, Histórias e estórias*, publicada em 2009 e consta nas referências.



Figura 4 - Foto aérea sobre a cidade de Pedrão extraída do site:
<https://www.facebook.com/PedraoBa?ref=profile>

Esta imagem retrata a vista aérea da cidade de Pedrão, típica cidade do interior baiano, com a Igreja se destacando como edificação principal na Praça Municipal, ruas arborizadas e largas, uma área predominantemente residencial, com muitas árvores.



Figura 5 -Foto da matriz da cidade de Pedrão extraída do site:
<https://www.facebook.com/PedraoBa?ref=profile>

Foto que retrata a igreja matriz de Pedrão. Por ter em sua colonização a presença marcante de padres portugueses, e ser o Catolicismo a religião predominante no país, na formação dos povoados brasileiros essa era a edificação central, em torno da qual era construída a Praça Principal, e as cidades começavam a se formar a partir daí.

Atestam os registros oficiais que em 12 de outubro de 1822, Frei José Maria do Sacramento Brayner, pernambucano, dirigiu um requerimento ao Conselho Interino de Governo, sediado em Cachoeira, para oferecer os seus serviços à Pátria.

O citado requerimento documenta que frei Brayner, ouvindo ler-se à tropa de cavalaria um ofício do Coronel Lopes, no qual não só convocava esta tropa, como também o povo daquele lugar, para aclamar na Vila de Santo Amaro ao Sr. Pedro de Alcantara. Príncipe Regente e Defensor Pépetuo do Brasil, ele imediatamente se oferecera com o maior alvoroço de alegria. No entanto, o Capitão da Cavalaria Miguel Mendes, a quem foi mandada aquela comissão, não quis que o suplente marchasse devido ao seu estado atual de saúde, fazendo ver ao dito Coronel os seus ardentes desejos, protestando que apenas melhorasse se iria oferecer para todo e qualquer serviço que a Mãe Pátria precisasse e estivesse em sua capacidade, o que assim praticou. Apresentou-se e ofereceu-se às autoridades constituídas da Vila Santo Amaro e ao mesmo Coronel da Vila de São Francisco, fazendo-lhes ver o seu maior patriotismo e adesão à santa causa, agora também o faz a este EXmº Conselho do Governo Interino desta Província, e não só o suplicante como também na oportunidade voluntariamente unidos a ele 39 homens, que formaram uma guerrilha chamada “Voluntários de Pedrão”.

Foi em 22 de outubro daquele ano, que o referido Conselho tomou conhecimento desta grande iniciativa e comunicou-lhe imediatamente o seu contentamento diante da grande prova de patriotismo, porém não deferiu a petição que almejava a formação da guerrilha, uma vez que estavam aguardando a chegada do Exmº General Labatut, a quem hierarquicamente deveriam obedecer as decisões sobre formações de novos corpos armados, ficando o Conselho na lembrança de empregar meios para tal fim.

Por convocação do General Labatut, através de ofício, a Companhia do Frei Brayner se dirigiu para o Quartel General, localizado no Engenho Novo, no Recôncavo. No entanto, em 05 de dezembro, o Conselho Imperial dirigiu ao Frei Brayner novo ofício através do qual declarava o desejo de fazer marchar os voluntários de Pedrão para o Quartel General e se integrar como um corpo de tropas. Desejo esse, que o Frei Brayner sentiu como se fosse exigência, posto que o mesmo ordenava que se aprontasse de imediato para marchar logo no outro dia. Essa passagem é atestada conforme correspondência:

Excellentíssimo General em chefe a prompta marcha da mesma Guerrilha Ordena o Conselho, que Vossa Mercê se propõe desde já para marchar ate amanhã seis do corrente indefutivelmente, lebando

consigo os soldados e bem todos os Voluntarios da comarca do Sul e de Agoa Fria, os quaes apresentará ao Excellentissimo General para lhes dar destinos ordena outro sim que Vossa Mercê conduza os Couros, e fardas que se estão fazendo para acabar o feitio no Quartel General⁷

Essas correspondências informam sobre a preocupação das autoridades e comandantes com a gravidade da situação que a guerra de Independência significava, já que a quantidade de soldados era insuficiente em números, em relação às tropas portuguesas, cabendo como alternativa solicitar contingente militar do interior baiano.

De acordo com os registro do IGHB⁸ e em outras fontes consultadas, literatura escrita e informes oficiais do município como blogs, dão conta que as tropas dos voluntários de Pedrão adotaram como fardas ou uniformes em marcha, as vestes de couro, com as seguintes características: chapéu de couro, com uma chapa de latão oval, e ao centro desta a letra P, e acima desta letra, uma coroa real, a túnica era o gibão; as gibeiras com um palmo de comprimento, calças de algodão branco ou couro; surrão ou saco de costas; clavinhas, espingardas ou bacamartes, espadas ou facas grandes e pequenas; à cavalo ou a pé, calçados ou descalços, segundo as circunstâncias o exigirem.

Assim, a formação original da guerrilha denominada Voluntários de Pedrão fica constituída de trinta e nove homens, todos da zona rural, formando quarenta com o seu comandante, o Frei Brayner. Essa caracterização está presente na descrição de Braz do Amaral (1919, p.239):

O padre José Maria Brayner organizou a companhia de couraças, ou do padre de couros. Eram eles fardados de couro, como os vaqueiros do sertão, e prestaram imensos serviços, fazendo o penoso serviço de correio e transportes, através regiões ínvias, alagadiças e carrascais. Eram voluntários de Pedrão e Pedra Branca.

⁷ Seção de Arquivos Coloniais e Provinciais, março 1618.

⁸ Instituto Geográfico e Histórico da Bahia



Figura 6 - Imagem formação dos Encourados extraído do site: <http://pedrao-bahia.blogspot.com.br/2010>

A partir disso, chamou-me atenção essa imagem, pois ela transmite uma situação recorrente dos Encourados de Pedrão, uma marcha na caatinga, vestidos a caráter, com a vestimenta característica do vaqueiro, em sintonia total com o ambiente.

Mediante a essa construção historiográfica oficializante, que procura dar conta dos elementos norteadores da constituição do grupo de Voluntários de Pedrão e sua inserção no processo da luta da Independência da Bahia, percebo também como o meio influencia e determina sua caracterização. As suas vestes são reflexos da labuta diária característica do vaqueiro, mão de obra predominante no município de Pedrão. Para Santos (2008, p.114),

o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças, e a indagação sobre o presente futuro.

Desse modo, é possível perceber explicitamente que o Grupo dos Encourados de Pedrão tem sua formação ligada fortemente ao seu meio, a sua formação de 39 vaqueiros, pardos e voluntários está intrinsecamente associada e determinada pela sua inserção no território e sua influência sobre os mesmos.

Quanto às fontes oficiais que tratam sobre os Encourados de Pedrão, observei que existe uma predominância das elites em registrar os fatos relacionados à guerra de Independência e seus atores de forma a nos indicar a importância metodológica da leitura reflexa, que potencializa o estudo do fato histórico a partir do registro por parte das autoridades e dos poderosos, que tiveram a possibilidade de fazê-lo. Joel Rufino (1979, p.89) já havia afirmado que :

Os sediciosos e malvados elementos dos documentos oficiais são a legítima liderança democrática e popular da guerra de Independência

do Brasil. desgraçadamente, só possuímos, sobre eles, documentos oficiais, depoimentos de pessoas investidas de autoridade, `pessoas gradadas`. O historiador vê-se, por isso, obrigado a identifica-los indiretamente.

Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista hegemônico e dominante. Segundo o paradigma da história tradicional, a história deveria ser baseada em documentos e de forma linear não cedendo espaço para reflexões subjetivas, o que poderíamos atribuir a uma história construída a partir de um olhar de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Por outro lado essa perspectiva da história tradicional muitas vezes limita o pesquisador na relação com seu objeto pesquisado no que se refere ao acesso às fontes.

Em visita a Biblioteca Municipal de Pedrão em 29/10/2013, com o objetivo de buscar mais registros sobre os Encourados, ouvi da sra. Iraildes Santos, gestora da Secretaria de Educação e também responsável pelo acervo da Biblioteca Municipal, pois a secretaria também engloba os assuntos relacionados a cultura da cidade, que todo o material relacionado à história oficial do município, incluindo arquivos sobre os Encourados, foi retirado pela gestão anterior. Para Iraildes, “essa retirada sem controle está ligada a questões políticas, essa situação causou o esvaziamento dessas fontes escritas e visuais, como fotografias antigas e folhetos”.

Como proposta concreta, segundo a sra. Iraildes, é a tarefa de se voltar ao “resgate”(sic) das origens dos Encourados como laços de parentesco. É seu compromisso procurar legitimar esses registros e essas fontes perdidas e não identificadas.

Percebo, através dessa narrativa da sra. Iraildes, que os registros escritos assumem uma importância relevante e única quando pensamos em organizar um acervo/arquivo sobre determinado fato histórico. Tal postura está ligada aos paradigmas da história tradicional com respeito aos arquivos e suas fontes, os quais, baseados nos estudos do historiador Leopoldo Von Ranke, (1795-1886), “a história deveria ser tratada a partir de documentos cuja origem fosse os registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos”.

Essa postura inviabilizaria outras percepções, negligenciando outros tipos de evidência, como será notado a partir das contribuições de outros historiadores

mais recentes, que partindo de uma outra perspectiva da história⁹ procuram compreender determinados acontecimentos históricos.

Existem vários olhares/leituras, para além do texto oficial para o grupo de voluntários denominado Encourados de Pedrão. Para Albuquerque (1999, p.26) esse grupo de voluntários se constituiria em nada mais que um pelotão patriótico, os pelotões patrióticos eram formados por muito negros libertos, escravos e brancos pobres “[...] principais protagonistas desta estória estavam nos pelotões patrióticos que iriam enfrentar, além dos portugueses, a fome, a sede e o cansaço, na longa jornada, até os campos de batalha nos arredores de Salvador”.

Essa afirmação acima se justifica porque desde a época do governo provisório, face ao termo de irrupção de movimentos reacionários à implantação do novo regime, foram criados batalhões patrióticos, que se proliferaram durante a consolidação da República. Para Muzzi (2006,p.50),

Embora variassem levemente as suas regulamentações, as licenças para a organização de um batalhão publicadas por aviso do ministro de Guerra, podendo conter ou não clausulas de excepcionalidade ainda que sempre se constituíssem em autorizações provisórias ou transitorias.

Para Amaral (1923, p.284) é possível identificar os Encourados dentro dos batalhões patrióticos pelo destaque de suas vestes; *os couros* ,“tratava-se de uma cavalaria denominada de Guerrilha Imperial, composta por voluntários que ficaram conhecidos como Encourados de Pedrão, porque tais soldados se vestiam com roupas de couro” (AMARAL, 1923, p.284). Ainda para o autor, a estes batalhões organizados na província juntaram-se outros, procedentes do interior do estado.

Os batalhões patrióticos constituíam uma força militar terrestre paralela ao Exército. Era como um outro “pequeno Exército”. A maioria abrigava desde jornalistas e ex-redatores de publicações de pequena tiragem, membros de associações republicanas e ex-membros de associações abolicionistas, pequenos empregados do setor terciário, funcionários públicos de baixo escalão, estudantes, jovens sem ocupação ou atividade fixa, homens livres e escravos. Em Silva (1995,

⁹ Essa outra história a que me refiro trata-se dos parâmetros defendido pelo movimento dos Annales, corrente historiográfica francesa que através do grupo da Nova História, elaborou estudos a partir das perspectivas da Antropologia Histórica das Mentalidades e da Micro História.

p.45)

encontramos a seguinte afirmação:

os habitantes das vilas e povoados do Recôncavo baiano eram na maioria defensores da Independência, que logo começaram a organizar batalhões patrióticos. Da união entre soldados da capital e do interior nasceu o Exército Patriótico, forte e combativo.

Apesar das leituras darem um sentido homogêneo para formação dos batalhões patrióticos, há no seu interior diferentes formações, o que confere um grau de status heterogêneo para formação. Essa condição está ligada às atitudes relacionadas ao patriotismo de elite, presentes nas listas patrióticas, abundantes na documentação sobre a guerra, vindas de muitas das Vilas baianas para a sede do Governo Provincial, já instalado em Salvador.

A guerra estabelecida obrigou os baianos à organização não só de uma instituição política capaz de acolher as vilas da antiga capitania que não estavam interessadas no processo de recolonizador, mas também à organização de um exército capaz de combater as tropas portuguesas estabelecidas em Salvador, e que prontamente tentariam alargar seus domínios militares ao Recôncavo. Contudo, foram formados no Recôncavo os chamados Batalhões Patrióticos, utilizando as tropas milicianas e de linha já estabelecidas nas vilas da região e, somando-se a este contingente, os militares que se tinham retirado da capital a partir de fevereiro de 1822 e outros voluntários, sob o comando de grandes proprietários¹⁰.

Dentro dessa contextualização encontramos uma breve referência aos Encourados em Amaral (1919, p.272):

E foi isto que se viu, tanto em 1823 como em 1838. Organizava-se o exército pacificador com elementos tirados da província. Um padre chamado José Maria Bryner tinha formado o casco de um corpo de cavalaria chamado dos Voluntários de Pedrão ou Encourados, porque haviam adotado para uniforme gibão, calções e chapéu de couro que usam os vaqueiros no sertão.

Na narrativa de Braz do Amaral nota-se um dos raros destaques dos Encourados de Pedrão como protagonistas dentro da historiografia oficial. Essa passagem nos informa sobre a composição do pelotão de defesa, composto de

¹⁰Esses proprietários dizem respeito aos senhores de engenho principais atores dentro da economia açucareira no Recôncavo baiano. “a Bahia era forte economicamente, pois detinha uma grande quantidade dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar voltado para a exportação” (AMARAL, 2005, p.12)

grupos de voluntários oriundos do interior da Bahia, para além do município de Pedrão. Corroborando com Michel De Certeau (1990, p.282), citamos:

a crença se mantém ligada a seus objetos e que, preservando estes, aquela se preserva. De fato (mostram-no tanto a história como a semiótica), o investimento do ver passa de mito em mito, de ideologia, ou de enunciado em enunciado. Assim a crença se retira de um mito e o deixa quase intacto, mas com destino diferente, transformando em documento.

Desse modo, o destaque que os Encourados adquirem na historiografia local e estadual está ligado a uma construção particular, simbólica e textual que o legitima e o coloca em evidência, criando em torno do fato um ponto de partida para afirmação de uma identidade subjetiva e coletiva.

Para Benedict Anderson (2008, p.39),

mais adequados a essa finalidade do que a ideia de nação. Admite-se normalmente que os estados nacionais são “novos” e “historicos”, ao passo que as nações a que eles dão expressão política sempre assomam de um passado imemorial, e, ainda mais importante, seguem rumo a um futuro, limitado. É a magia do nacionalismo que converte o acaso em destino.

A caracterização dos Encourados pelos outros olhares foi referida muitas vezes de forma genérica e superficial, como se tal participação fosse natural para um povo supostamente brioso e ordeiro no caminho da sua liberdade, e não o fruto de uma construção política cheia de tensões e conflitos próprios de sua dinâmica social.

Apesar dos obstáculos no que diz respeito à disponibilidade e fartura de registros que venham agregar valores ao processo de caracterização dos Encourados, deve-se considerar que o passado, quando inscrito em certos discursos do Estado, tende a ser configurado como objeto de ruptura. Remeter-se ao passado talvez seja, neste sentido, ilustrar uma trajetória considerada historicamente superada. Os suportes materiais da memória do Estado expressariam-se, assim, em relíquias que ofereceriam menos rotas que pistas pulverizadas no passado.

Assim, o estudo a respeito dos Encourados de Pedrão pretende de alguma forma contribuir no âmbito da escassa documentação existente sobre o grupo, preenchendo algumas lacunas deixadas pelo olhar historiográfico.

Porém considero ser de importância relevante a busca de mais registros sobre o lugar do movimento na historiografia baiana, como parte do próprio conhecimento histórico do sujeito e a sua constituição de passado.



Figura 7 - Foto do obelisco erguido em homenagem aos Encourados situado na praça Encourados da Independência em Pedrão – Ba/<http://pedrao-bahia.blogspot.com.br/?zx=87b1fed4dbd96e14>.

Na imagem acima, destaco o marco em homenagem aos Encourados, que retirei para informar ao leitor a importância e o reconhecimento que os habitantes de Pedrão tem pelo grupo Encourados da Independência, pois todos os moradores se sentem um pouco heróis, por serem descendentes deles.

2.2 O desfile cívico do Dois de Julho

Neste tópico, pretendi analisar o desfile cívico do Dois de Julho como memória histórica, a partir de um conjunto de manifestações de uma coletividade que orienta o espaço onde os baianos construíram sua identidade como patriotas baianos e brasileiros. Nessa perspectiva, compreendem-se os festejos cívicos do Dois de Julho como uma marca presente na identidade baiana. Diz Wlamyra Albuquerque (1996, p.115):

Além das festas católicas de rua, uma das principais expressões da cultura popular na Bahia – mais marcadamente na região litorânea e Recôncavo – eram as comemorações pela conquista da emancipação política do domínio português. Na capital baiana a data em que se relembra tal fato histórico é o 2 de Julho, que comemora a

vitória dos brasileiros na lutas pela independência travadas entre 1822 – 1823 em solo baiano.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória o passado não só vem à tona nas águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra e desloca estas últimas, ocupando o espaço de toda a consciência. Conforme Ecléa Bosi (2004, p.46)

A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanentemente, oculta e invasora. Assim como as demais fontes históricas, as memórias devem ser analisadas, relativizadas e entendidas, levando em consideração o contexto o qual está inserido seus narradores.

Desde os anos imperiais que as comemorações da Independência foram integradas ao calendário de festividades da Bahia, até então compostos essencialmente pelos eventos religiosos e pelas farras do Entrudo. Essas comemorações eram compartilhadas por diversos segmentos da sociedade, o que dotou o evento de um caráter de festividade popular. E eram celebrações as quais os diversos grupos sociais atribuíam propósitos nem sempre coincidentes.

Nas considerações de Marta Abreu (1996, p.22) “[...] as festas pertencem ao contexto social que as comemora e produz [...]”. Dessa forma, cada festividade carrega em si uma gama de significados além do mais, por não ser uma construção homogênea, as festas são apropriadas pelos indivíduos que as ressignificam a partir de seus interesses e possibilidades.

A partir do que a festa representa para a cultura local, ou seja, de que modo ela propicia a transgressão da lógica da rotina – instaurando novos momentos e novas temporalidades - seu significado atinge todo tipo de relação social, permitindo celebrar a representação de alguém ou de algo, conquistado individualmente ou coletivamente, e ainda que possui significado comum para ser celebrado. A festa, sob a perspectiva da tradição, é uma versão intencionalmente seletiva de um passado, em que determinados temas são cultuados e rememorados por gerações, sempre alimentando uma reinvenção, ou seja, uma prática em constante movimento.

Nessa perspectiva, a data do Dois de Julho passou a ter uma importância cívica e histórica pertinente, por se constituir em um marco para a independência política da Bahia e do Brasil. Assim, patriotas baianos não hesitam em ligar a

independência baiana à brasileira. Dentro desse contexto, observa-se uma vasta produção simbólica e uma entusiasmada mobilização para comemorar a mais importante festa cívica do Estado.

Para Ordep Serra (2009, p.143)

As comemorações do Dois de Julho não se limitam de forma estrita ao festejo realizado nessa data, nem ocorrem isoladamente. Ligam-se com outras que são promovidas nas cidades do recôncavo baiano onde se desenrolaram batalhas pela independência, como Santo Amaro e Cachoeira.

O cortejo triunfal, outra denominação da festa do Dois de Julho, foi realizado pela primeira vez, por populares e ex-combatentes da guerra da Independência da Bahia, no dia dois de Julho de 1824. A manifestação percorreu ruas do centro de Salvador reproduzindo a “entrada triunfal do Exército Libertador”, ocorrido um ano antes, após o retorno dos soldados à cidade. Na manifestação levou-se um indígena em uma carroça enfeitada com ramagens de plantas locais, entre batuques e manifestações espontâneas, comemorou-se o fim da ocupação portuguesa na cidade (o indígena foi substituído em 1826 pela estátua de madeira). Na análise de Mari del Priori (1994), em meio às diversas celebrações, que passaram a compor os festejos da Independência (bailes e homenagens solenes), o cortejo do caboclo, outra denominação para a festa, caiu no gosto do povo, tornou-se uma tradição popular.

A festa é oficialmente definida como “desfile cívico” ou “cívico militar” ou ainda “romaria cívica”¹¹. Sua realização desenvolve-se anualmente de acordo com um trajeto previamente estabelecido.

O desfile cívico do Dois de Julho toma forma a partir de sua saída da Lapinha, o cortejo integrado por corporações militares, autoridades, colegiais

¹¹Essa romaria cívica aqui destacada é transfigurada em um caráter religioso. Para Serra (2009, p.149, grifos do autor) “Ainda que a primeira etapa do singular desfile conclui-se numa **igreja**, e que ele envolve o transporte de **imagens**: as estátuas do *Caboclo* e da *Cabocla*, que uma grande parte do povo considera **santos**, segundo mostram os seguintes fatos: na véspera da festa, alguns populares que visitam o Panteon entram em transe assistindo à preparação dos carros alegóricos onde essas estátuas vão ser transportadas; o solene *Te Deum* celebrado na Catedral da Sé de Salvador, na manhã do Dois de Julho, veio a ser conhecido nos meios populares como “a missa do Caboclo”; muitas pessoas que vão ao Campo Grande, nesse dia e nos seguintes, visitar “os donos da festa”(os *Caboclos* são assim considerados por uma parte expressiva da população) aproveitam a ocasião para fazer-lhes rogos e promessas, queixar-se de aflições e pedir-lhes remédio; os *Candomblés de Caboclo* da Bahia consideram o Dois de Julho a sua data magna *religiosa* – e inúmeros outros *terreiros* de diferentes *nações* a destacam como “o dia dos Caboclos””.

uniformizados na típica formação de parada e pessoas do povo que tomam parte no desfile. No percurso, costuma-se fazer alto em diversos pontos onde transcorreram lances históricos significativos. Nesse momento acontecem discursos e, às vezes, pequenas representações.

Em vários outros desses lugares históricos, autoridades e políticos, oradores do povo fazem pronunciamentos. Em geral, o desfile do Dois de Julho tem início às oito horas da manhã, e se processa em duas etapas. A primeira se conclui com a colocação de cabanas na Praça da Sé, onde são estacionados os carros alegóricos, logo após é realizada uma missa na catedral, usualmente às dez horas da manhã, e só à tarde, o desfile se refaz, seguindo, nesta última etapa, rumo ao Campo Grande, onde tem lugar novas solenidades, em frente ao monumento à Independência.

Terminadas as cerimônias cívicas, o povo permanece na praça, entregue a vários divertimentos: formam-se rodas de samba, rodas de capoeira, os caboclos são visitados e venerados em suas cabanas armadas no local. À volta, grupos fantasiados, circulam e se exibem, famílias passeiam, crianças brincam na vasta Praça do Campo Grande.

Entretanto, a festa não deixa de ritualizar identidades etnicamente específicas, desempenhando também funções sociais, um instante privilegiado de explicitação dos dramas sociais e dos impasses políticos, possuindo também uma tarefa pedagógica. Sendo um momento em que os sujeitos constroem alianças, negociam conflitos, identidades e estratégias.

A festa do Dois de Julho permite visualizar modelos de comportamento e de ação, ou seja, o universo hierarquizante, posto que há um domínio privilegiado para a sociedade se manifestar enquanto uma coletividade diferenciada, além de transmitir e reproduzir valores, atualizar estruturas de autoridade num jogo de múltiplas legitimações, conforme afirma Martinez (2000, p.84):

O desfile histórico do 2 de Julho é patrimônio intangível, cultuado e preservado por todos os que se orgulham da sua ancestralidade e demonstram engajamento em reivindicações comunitárias, patrióticas, amorosas. A festa da independência é vivida pela consciência de que os acontecimentos do passado ainda não se extinguiram. A liberdade e a igualdade social ainda são um objetivo, uma luta.

A relação do indivíduo com o espaço festivo transforma o seu entorno em um lugar distinto, depositário de uma memória individual e coletiva progressivamente

acumulada, constituindo um sentimento de identidade, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Michel Pollak, 1992, p. 204).

A literatura sobre festas da última década tem chamado atenção tanto para a maneira com que estados e elites se aproveitam de cerimonial público para reforçar sua legitimidade e construir um consenso em torno dos símbolos nacionais, quanto para o papel de ritos populares resistentes a tais projetos. “os rituais constroem e afirmam identidades coletivas, mostrando do mesmo modo, a participantes e a observadores as verdades fundamentais incorporadas à sua ideologia” (Kraay, 2000, p.51).

Percebo, desse modo, a dimensão que a festa do Dois de Julho adquire no panorama social baiano, para um determinado grupo formado pela elite baiana, que se utiliza da construção do evento cívico como forma de manter lugar na historiografia nacional brasileira. Por outro lado, a outra parte da sociedade vislumbra, através da manifestação cívica, a sua parcela de contribuição social e histórica no contexto memorialístico. Em Albuquerque (1999, p.115), fica clara essa distinção, quando ele diz que “eram celebrações as quais os diversos grupos sociais atribuíam propósitos nem sempre coincidentes”.

Essas impressões são claramente destacadas em Kraay (2000, p.75), quando diz:

Enquanto os patriotas se esforçavam para associar o Dois de Julho ao Brasil, as festividades também articulavam uma identidade unicamente baiana que destacava as lutas de patriotas baianos na guerra de independência e enfatizava as liberdades locais.

A festa cívica do Dois de Julho além de representar significados diversos para diferentes grupos sociais, legitima a identidade coletiva da sociedade baiana, pois a marcante popularidade, o entusiasmo com que celebra a vitória baiana do julgo português, sugere um importante compromisso com a Bahia. Ressalto que a comemoração desta importante data histórica se configura como uma celebração significativa para a população baiana.

Dentro de uma visão historiográfica, classifico o Dois de Julho não apenas como um acontecimento significativo para o povo baiano, mas como uma referência nacional de civismo, pois a partir da sua consolidação dar-se-á a Independência do Brasil. Logo, posso ressaltar que as comemorações norteadoras do processo

emancipatório em relação a Portugal se constitui em elemento chave para entender o imaginário social que perpassa a população baiana neste período. Além do mais o ritual de tradicionalismo carrega em si as marcas dos diversos segmentos que nem sempre eram celebrados com os mesmos propósitos.

A festa como um patrimônio cultural se apresenta fundamentada no processo de identificação coletiva. A fusão simbólica entre passado e presente se dá a partir de elementos sociais, culturais e ideológicos dos grupos sociais, os quais são significativos para a formação de sua identidade. Várias são as personagens que ainda hoje habitam o imaginário popular e são lembradas, muito embora essas personagens adquiram o valor subjetivo em cada sujeito que o abarca. Maior destaque no desfile cívico é, sem dúvida, o caboclo e a cabocla, ambos representando o ideário de liberdade defendido pela luta entre brasileiros e portugueses. Outras personagens também adquirem importância no lugar do cortejo, como o grupo de vaqueiros vestidos de couros e montados a cavalo.

A compreensão de Serra (2009, p.47) me ajuda a entender essas figuras que constituem parte de nossa pesquisa:

Os batalhões dos Encourados e o dos Periquitos, imitando os combatentes da guerra gloriosa, dão um colorido muito vivo ao cortejo do triunfo: os Encourados apresentam-se com trajes de vaqueiros, os Periquitos com a vistosa farda verde, toda bizarra.



Figura 8 – Figura do Caboclo. Foto de domínio público.

Retrata o herói verdadeiramente brasileiro, que é nativo destas terras, e não aceitou ser subjugado pelos portugueses. Representa o ideal de liberdade de

todos os brasileiros, recebendo papel de destaque no desfile cívico do Dois de Julho.



Figura 9 - Encourados no desfile cívico - Foto de domínio público

A Imagem de domínio público, que apresenta o grupo dos Encourados de Pedrão no desfile do Dois de Julho. Constatado aqui através dessa imagem o orgulho que essas pessoas têm em participar desses festejos, como personagens que colaboraram para a Independência da Bahia.

Inserido na perspectiva dos sentidos do desfile cívico, o discurso pode estruturar-se de duas formas diferentes, a saber: ajusta-se de acordo com os interesses políticos dos envolvidos no festejo e os conservadores que procuram sublinhar a constituição de uma nova ordem, falam de libertação como um acontecimento já ocorrido e encerrado.

Por outro lado, enfatiza-se o discurso dos segmentos que reclamam de mudanças, assim como os opositores sublinham o sentido revolucionário dos ideais da Independência, e acentuam o imperativo de libertação, que apresentam como um projeto a concluir. Nessa ambientação partidária, alguns grupos encontram no meio do desfile cívico ambiente propício para as suas reivindicações, seja de minorias, associações, grupos civis ou grupos militantes.

É fundamental não esquecer que a mistura de festa popular e comemoração cívica, que preenche as ruas da capital baiana por ocasião do Dois de Julho, vêm assumindo ao longo dos anos uma complexidade de sentidos. Nesse dia os baianos são tomados pelo sentimento de pertencimento a esta história nacional. Consuelo Pondé, no Jornal Tribuna da Bahia de 27 de março de 2013, ao escrever sobre o Dois de Julho de 1923, diz:

Há cem anos, as festas do 1º Centenário da data magna da Bahia, realizadas nesta capital, constituíram-se em celebrações extraordinárias. Com efeito, o evento mobilizou toda a população de Salvador, coisa de que o feito heroico jamais poderia ser esquecido.

Ainda cabe pensar as comemorações do Dois de Julho dentro do conceito de culturas nacionais como comunidades imaginadas propostas por Anderson (1983), a partir dos estudos de Stuart Hall (2003, p.52, grifo do autor) sobre o sujeito e a modernidade tendo como ponto de partida o sujeito fragmentado e suas identidades culturais.

Em primeiro lugar, há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias -imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal "comunidade imaginada", nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte.

Logo, o rito do Dois de Julho envolve uma parada, mas não na amplitude de um desfile militar ou de promoção de Governo, já que o povo participa do cortejo, assim como as autoridades.

2.3 A participação dos Encourados no desfile cívico

Esse tópico tem a pretensão de refletir sobre a participação dos Encourados no desfile cívico do Dois de Julho. Nos tópicos anteriores, tratei de cada um separadamente, procurando apresentar ao leitor o significado e a importância que cada um adquire na historiografia baiana, como acontecimento histórico.

Muito pouco se tem sobre a participação dos Encourados no desfile cívico do Dois de Julho no século XIX. Os registros oficiais que tratam do tema abordam

uma dimensão maior do desfile cívico. Já em relação à referência específica dos Encourados, encontramos poucas citações que dão conta dessa participação. Os autores que tratam do tema abordam a participação dos batalhões patrióticos para expressarem a participação de pequenos grupos dentro dessa formação. Completando esse entendimento, temos a colaboração de Kraay (2000, p.54) acerca da participação de alguns grupos militares no desfile da independência:

O auge dos festejos no dia 2 de Julho era a grande parada, uma alusão à ocupação pacífica da cidade em 1823. Começando na Lapinha, a parada serpenteava pelas ruas estreitas da cidade até o Terreiro e dela participavam autoridades civis e militares, batalhões do Exército e a Guarda Nacional. Por volta do meado do século, se juntaram a estes, um número variável dos chamados batalhões patrióticos, bem como muitas bandas, para conduzir os carros alegóricos que simbolizavam a Independência.

O autor faz ainda uma nova referência aos batalhões patrióticos (idem, p.57)

Adolphe d'Assier aludiu as "tropas de gente jovem e negros", que antes, durante e depois da parada, circulavam pelas ruas ao acompanhamento de música, levando bandeiras e archotes. Eram os ditos batalhões patrióticos, que às dezenas participavam do dois de Julho. Os batalhões patrióticos bem organizados faziam parte da coluna que entrava na cidade pela Lapinha; outros aparentemente, marchavam independente dela ou a ela se juntavam sem autorização.

Nota-se no registro do historiador que os Batalhões Patrióticos, importantes na luta da Independência, não tinham uma importância uniforme, existia um critério que assegurava seu lugar de destaque exemplificando as distinções de classe na ordem do desfile cívico.

Percebo que a definição para grupos patrióticos é muito extensa e abrange diferentes formações, que de alguma forma participaram diretamente ou não do processo de Independência da Bahia, reivindicando para si seu lugar no desfile cívico. Ainda para o historiador, a organização de tais batalhões talvez fosse uma fanfarrônica de políticos que demonstravam seu poder quando colocavam homens na rua, da mesma maneira que controlavam votantes nas eleições.

Nas considerações de Albuquerque, muitos tiveram papel importante frente aos pelotões patrióticos. "Tiveram de enfrentar, além dos portugueses, a fome, a sede e o cansaço" (ALBUQUERQUE, 1999, p.83). Essa observação vem a reforçar o que apresentamos logo acima, a grande heterogeneidade que fazia parte

da composição dos batalhões patrióticos, implica em identificar a participação dos Encourados como referência no desfile do Dois de Julho, muito rara entre a documentação que cobre o período de 1824 à 1923, objeto de interesse em nossa pesquisa.

Norbert Elias (1994, p.34), em um importante ensaio sobre a noção do cotidiano, nos descreve como sendo essa mesma ação menos precisa e mais complicada do que parece. Elias distingue oito significados atuais do termo, desde a vida privada até o mundo das pessoas comuns.

O cotidiano inclui ações – Braduel o define como o reino da rotina – e também atitudes, o que poderíamos chamar de hábitos mentais. Pode até incluir o ritual. E o ritual, indicador de ocasiões especiais na vida dos indivíduos e das comunidades, é com frequência definido em oposição ao cotidiano.

Nessa dimensão, noto que o ritual adquire uma dinâmica para além das fronteiras do cotidiano. Esta colocação vem a refutar a dimensão que o desfile cívico do Dois de julho representa para o cotidiano da sociedade baiana desde o sec. XIX até os nossos dias.

Para corroborar com esse pensamento, cito Peter Berger (1991, p.128):

O processo de construção de uma memória não trata-se da incapacidade ou não de determinados elementos de seu aporte físico, mas sim de um fenômeno constante de renovação e transformações sociais, onde a legitimação de identidades de grupos de elite ou populares criam formas específicas de expressar ou mesmo justificar suas instituições

Essa análise é ponto de partida para se provocar uma reflexão sobre a bibliografia baiana ser construída a partir de interesses institucionais, com intuito de legitimar os interesses nacionais. Uma clara evidência está na escolha como referência simbólica do caboclo e da cabocla no panteão de personagens significativos do processo de Independência da Bahia. Ambos carregam como mensagem o sentimento de liberdade cultuado nos festejos do Dois de Julho em detrimento de outros personagens que tiveram alguma expressividade no mesmo acontecimento.

Para Serra (2009, p.148) “através da dramatização ritual que o reatualiza, verte-se o sucesso celebrado no plano da sincronia”. Partindo dessa análise posso pressupor que a participação dos Encourados no desfile cívico na atualidade, ou seja, a partir de 1929, tem como finalidade além de assegurar seu lugar como

elemento participativo, conferir ao desfile cívico sua autenticidade, sua sincronia com o momento acontecido.

Por outro lado, Serra (idem, p.149), se refere à participação dos Encourados como: “pessoas fantasiadas imitando combatentes da Guerra Gloriosa, afinal, a figura que centraliza o rito, o grande símbolo da identidade brasileira celebrado no Dois de Julho é o índio”. Nessa abordagem, os Encourados passam a exercer papel secundário, mas complementar. Notamos uma ordem hierárquica de símbolos que compõem e legitima a importância do desfile cívico para historiografia local e assegura o sentimento de identidade de um grupo social.

Em Baudrillard (apud Benjamin 1999, p.10) destaco; “vivemos na reprodução indefinida de ideais, de fantasmas, de imagens, de sonhos que doravante ficaram para trás e que, no entanto, devemos reproduzir numa espécie de indiferença fatal”. Nessa perspectiva, nota-se que o sentido da participação dos Encourados no desfile cívico do Dois de Julho fica relegada a condição em que sua essência foi esgotada no instante que se deu o fato, o que presenciamos no desfile é a representação vazia de significado resultado das sucessivas reproduções o que implicaria na sua condição, ao status de alegoria.

Em ambos os momentos históricos, a participação dos Encourados nas comemorações da Independência da Bahia se figuram como sujeitos que assumem apenas um papel representativo do acontecimento do fato, devido à falta de conhecimento da importância real desse grupo, uma vez que nada ou quase nada é de conhecimento público, o que gera uma lacuna na história da Independência da Bahia.

Consuelo Pondé, ao escrever em coluna na Tribuna da Bahia, jornal de grande circulação, sobre os Encourados de Pedrão em 12/06/2012 diz:

A ausência lamentável e lamentada, no cortejo cívico, do batalhão organizado pelo Padre Brayner, conhecido como Encourados de Pedrão, fato inadmissível e absurdo, porque, além de inconstitucional, fere profundamente os sentimentos do povo baiano. Sentimos a tradição que devem ser respeitados, desde quando a celebração da Independência é uma festa emanada do povo, dele brotou espontaneamente, um ano após a gloriosa entrada do Exército Libertador na cidade do Salvador, no dia 2 de Julho de 1823.



Figura 10 - Os Encourados de Pedrão no desfile cívico de Dois de Julho 2013. Arquivo pessoal

Nesta foto, retrato a participação dos Encourados de Pedrão no desfile cívico do Dois de Julho. Essa foto tirada durante o cortejo, mostra os personagens vestidos a caráter, levando a Bandeira do Brasil, confirmando o orgulho que sentem.

Essa análise mais recente vem a corroborar significado do lugar que os Encourados assumem na ordem do desfile cívico, e mesmo na importância enquanto parte do tecido historiográfico baiano. Sua associação, ao contrário do caboclo que representa o ideal brasileiro e desperta o sentimento de liberdade o batalhão dos Encourados, representa a participação do povo a partir de sua constituição heterogênea de brancos, pardos, escravos libertos ou não, e todos que pudessem fazer parte da formação de batalha.

Tal abordagem me impulsiona perceber que, na conjuntura atual, os Encourados de Pedrão adquirem uma importância significativa, pois representam a participação popular dentro do movimento de Independência da Bahia, ao contrário do passado, onde sua participação se confunde com os batalhões patrióticos. Agora ele ganha destaque em representação. Ele é a referência da participação popular no desfile.

Nesse preâmbulo, culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Atestando essas reflexões, em 1989, no início do mandato do prefeito do município de Pedrão, Roberto Carlos Lago toma conhecimento de um alerta imposto pelos organizadores do desfile do Dois de Julho, qual seja, que iriam buscar em Tanquinho de Feira – Ba cerca de quarenta representantes para compor o grupo Encourados de Pedrão, o que o leva a pensar urgentemente em formar um grupo de representante dos Encourados.

Conforme Anderson Silva, presidente da AEP¹², o referido prefeito lançou a ideia com o objetivo de criar, naquele momento, condições para que os verdadeiros representantes dos Encourados participassem das homenagens do Dois de Julho e desse modo assegurasse sua participação no desfile cívico. Diante dessa emergência foram convocados profissionais liberais, fazendeiros, trabalhadores e populares que pudessem e quisessem reverenciar a memória dos seus grandes heróis, caracterizados conforme a época; ou seja, vestidos com roupas de couro e montados a cavalo.

Atualmente, a presença dos vaqueiros no desfile cívico hoje é garantida através da AEP criada em 01 de outubro de 2007. Seus associados são responsáveis por manter viva a representação dos Encourados no desfile cívico do Dois de Julho, que acontece em Salvador como parte dos festejos em comemoração a Independência da Bahia.

Mais adiante, darei continuidade a essa discussão sobre a Associação no segundo tópico do segundo capítulo, onde faremos uma abordagem mais profunda sobre a mesma, com intuito de apresentar ao leitor o seu papel para além da sua participação nos festejos cívicos. Acrescentarei a sua importância como protagonista da produção e circulação da cultura local, assumindo desse modo o seu lugar como peça fundamental para a manutenção de uma tradição local.

¹² Será tratada mais detalhadamente no segundo capítulo.



Figura 11 - Reunião da Associação dos Encourados de Pedrão (2014) para discutir sobre a preparação dos festejos para o desfile cívico do Dois de Julho, e para a manutenção das tradições do referido grupo. Arquivo pessoal.

Para a Fundação Gregório de Mattos, responsável pela produção da festa, este é um dos eventos mais esperados do ano, e o grupo tradicional de vaqueiros que participa da festa cívica representando os Encourados, incorporam também a figura tradicional do vaqueiro nordestino, importante combatente nas lutas pela Independência baiana, que estão presentes nos festejos do Dois de Julho, desde a década de 50.

As representações permitem também avaliar o que um indivíduo ou grupo constroem e propõem para si mesmos e para os outros. Roger Chartier (1990) menciona as determinações da produção: a representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social.

Através de uma perspectiva linear da História fica evidente o lugar dos Encourados e a importância que assumem, gradativamente e de forma crescente, através dos tempos, nos festejos do Dois de Julho tendo, no desfile cívico, sua presença como destaque. Com isso, esses sujeitos encourados são promovidos de um grupo de voluntários patrióticos, dentro do grande grupo que

compõe o Exército Libertador historicamente em 1823, para figuras que simbolizam a resistência das camadas populares no processo de Independência na atualidade.

Chego à conclusão de que pela participação dos Encourados no desfile cívico, primeiro em comemoração à expulsão em 1825, e nos demais períodos como elemento de representação, buscou-se mostrar para a sociedade baiana a força e a participação da população do interior do Estado da Bahia, some-se a isto a necessidade de afirmar a presença dos territórios baianos na construção da historiografia oficial brasileira.

Em outras palavras, a dimensão que a representação dos Encourados alcança extrapola o espaço físico do desfile cívico, que acontece nas ruas de Salvador todos os anos no mês de Julho, visto que este orienta o sentimento de representatividade que une e serve de referência para demarcar um sentimento identitário coletivo.

Certamente, essas breves reflexões problematizam o significado e o sentido da presença dos Encourados dentro do desfile do Dois de Julho e suas implicações na construção e (re)afirmação de um sentimento identitário como sujeito e como grupo social.

3. OS ATORES VAQUEIROS PEDRONENSES

3.1 A força da representação – o desejo de participar

Depois de me ter debruçado continuamente em uma narrativa que procurou enfatizar mais um discurso histórico, reflexo das marcas que carrego de minha formação como pesquisador, me volto agora com essa mesma apuração para as narrativas pessoais, as histórias de vida dos meus sujeitos de pesquisa, as falas dos vaqueiros pedronenses.

Nesse tópico, procurarei abordar como foi construída, a partir das narrativas orais dos vaqueiros entrevistados, a sua aproximação com os Encourados e a sua participação no desfile cívico como atores do movimento. Essa intenção se

materializa tendo como ponto de partida a representação que a figura Encourada¹³ desperta nos entrevistados.

Levo em consideração para isso os aspectos subjetivos e simbólicos presentes nas falas desses sujeitos, uma vez que priorizo o estudo da auto-apresentação e da autoconsciência dos entrevistados. Desse modo, a partir do discurso narrativo dos informantes, pautado em suas histórias de vida, bem como nas cantigas de aboio entoado por esses sujeitos, intento destacar as impressões construídas através de suas memórias, trazendo para reflexão o significado e o sentido de representação do movimento dos Encourados de Pedrão, de 1823.

Segundo Maurice Halbwachs,(1990, p.57):

uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, forma-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência.

Constato em loco essa teoria apresentada acima, durante o período que estive envolvido com o grupo da Associação, notei que seus componentes incorporam suas próprias experiências às do grupo como o qual convivem, em lições de solidariedade e companheirismo alimentados pelas imagens, ideais e valores transmitidos pelo significado do fato histórico que os une.



Figura 12- Formação do grupo dos Encourados, 2013, vestidos de acordo com as vestimentas originais, agrupados em frente à Igreja matriz da cidade, representando todo o orgulho dos pedronenses, em ter como filhos da terra heróis que participaram da Independência da Bahia.

Arquivo pessoal – Jorge Galdino.

¹³“Figura Encourada” aqui se refere ao uso da vestimenta de couro utilizada pelo movimento histórico em 1823.

Para Walter Benjamin, (1994, p.211), “a memória cria a corrente da tradição que passa um acontecimento de geração em geração”, e isso abarca uma pluralidade de experiências cotidianas”. Essa atmosfera provocada pelo sentimento de fazer parte do coletivo é notada na cumplicidade e camaradagem, anedotas e piadas, trocadas pelos atores nas ocasiões em que o grupo se encontra/reúne.

Estudar a cultura de um coletivo significa, para mim, identificar os códigos presentes nos modos de vida e, sobretudo, em determinados eventos privilegiados e densos da vida do grupo, ser possível interpretar os símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.



Figura 13-Cavalgada com a participação do grupo Encourados, Set/2013.
Arquivo pessoal de Jorge Galdino

A imagem acima denota como o grupo dos Encourados está intimamente ligado ao cotidiano dos pedronenses através de um evento local, uma cavalgada. Com isso comprovo a importância do grupo na formação do identitário local.

As cavalgadas, por exemplo, são um dos momentos que caracterizam essa cumplicidade entre os representantes dos Encourados. Dentro desse evento público, os sujeitos, pelo viés da representatividade, se reconhecem como semelhantes através da sua ligação com o passado.

Ainda na ambiência do pensamento de Halbwachs (1990, p.85), no contexto da memória coletiva, destaco que

O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios dos grupos.

Essa citação acima ganha forma quando constato, através de minha observação no grupo que, de fato, para além das conversas sobre vaquejadas e as cavalgadas, ambas as atividades presentes na realidade de vida do homem do campo, esses indivíduos tem em comum o fato de fazerem parte de um grupo que os legitima como autênticos representantes do Batalhão de Voluntários de 1822, tendo em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente ideias ou sentimentos isolados, e que são construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas.

Desse modo, os grupos no presente e no passado permitem a localização da lembrança num quadro de referência que, justamente, possibilita sua constituição como algo distinto do fluxo contínuo e evanescente das vivências.

Além da memória, veículo importante para acionar as lembranças, ao mesmo tempo em que se faz necessário para se garantir o grupo de referência, pontua também outro aspecto importante percebido nos textos dos entrevistados; a identidade.

Assim, narra Antônio Carlos dos Santos, 42 anos, negro, semi alfabetizado, vaqueiro desde que se entende por gente, conforme ele se intitula, e um participante presente sempre que pode, porque o trabalho no campo muitas vezes o impede de ir a essas reuniões. Sobre sua atividade;

Eu já tinha esse desejo toda a vida, eu nasci e me criei labutando com o gado entendeu? Eu tive, meu destino era esse. Porque meu pai já trabalhava com isso aí, a profissão dele era de vaqueiro, ele tinha os couros, quero dizer, eu já tinha vontade mesmo de participar, mesmo assim, porque na luta da gente do dia a dia entendeu, eu via os pessoal já menino. (07/09/2014)

Neste depoimento percebo como eles sofrem influência do meio e das pessoas com as quais convivem. Antônio decide ser vaqueiro, porque é o que conhece, não tem outras perspectivas.

Essa referência identitária é continuamente percebida durante as falas dos entrevistados, no âmbito das nossas conversas. Uma curiosidade identificada nos diálogos reside na necessidade contundente dos sujeitos de informarem de onde vem, sua origem. Seja como vaqueiros que detém conhecimento do mundo onde vivem e adotam um sistema de manejo que lhes é próprio e são remunerados pela atividade, ou apenas indivíduos que por nascerem no ambiente rural desenvolvem práticas comuns aos vaqueiros sem para isso serem considerados como tal.

Para seu Ademário, vaqueiro e participante do desfile:

trabalhava com gado e amansava cavalo brabo, saia de casa as vezes a mulher achava que ia tomar cachaça ia atrás de outra; você tá saindo, aí eu muntava (sic) no animal ia eu, ela e os dois meninos na época eu que eu entrei pros Encourados.¹⁴

O trabalho de vaqueiro está tão ligado à rotina deles, que até interfere na vida cotidiana, pois até a família participa das reuniões dos Encourados, como se fosse um momento de lazer.

Tendo como parâmetro essas interlocuções, parto do princípio de que memória e identidade presentes continuamente nas falas dos intérpretes se entrelaçam e balizam o tecido textual dessa pesquisa, pois a todo o momento transitam pelos depoimentos dos vaqueiros.

Do ponto de vista de Hall (2003, p.86)

a identidade vista sob um olhar sociológico, preenche o espaço entre o interior e o exterior – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados.

Minha reflexão se sustenta a partir de Hall, quando propõe tentar conhecer quais os indícios de caráter subjetivo presentes nos vaqueiros são os germes que, ao longo de sua maturação, cria laços com o fato histórico os Encourados de Pedrão de 1823.

Sustentado inicialmente por essas duas teorias, e respeitando cada uma em suas particularidades, considero-as importantes para fazer compreender o sentimento e as impressões que circundam a representação do vaqueiro no espaço público do desfile cívico.

O ponto de vista pessoal compartilho a partir da teorização de Pierre Bourdieu (1989, p.9) sobre o princípio do habitus. Para o teórico, esse é gerador é um sistema disponível de esquemas de pensamento, de percepção e de apreciação. Ou seja, verifica-se uma homologia entre o espaço social como conjunto de posições mutuamente exteriores, e o espaço simbólico, conjunto de práticas e preferências por meio dos quais os agentes sociais se reconhecem.

E são esses ingredientes, identidade e meio, que provocam inicialmente o processo de identificação/aproximação entre o vaqueiro pedronense e o seu

¹⁴ Registro realizado em 07 de setembro de 2014.

interesse em fazer parte do grupo dos Encourados no ato de representar o fato histórico. Essa conclusão me surge quando, durante um momento de entrevista, procuro saber se, caso contrário, ao invés de tratarmos de um grupo histórico de vaqueiros, falássemos sobre pertencer a um grupo de samba de roda. Você teria o mesmo interesse? Marivaldo, 21 anos, vaqueiro de profissão, responde seguido de uma risada demorada: “Não! “

Por sua vez, a cultura de um povo está, pois, relacionada com a sua identidade, no que tange as circunstâncias que relacionam o presente e o passado do ser humano, em seu arcabouço referencial. Desse modo, ela cria relações que estabelece com sua realidade, ela cria, recria, resolve e atua nestes ambientes onde circula e coopera com algo do qual participa, se insere, e é também autor.

Assim, justifica o Jorge Galdino, 64 anos,¹⁵ morador de Pedrão, vaqueiro, poeta e funcionário público;

Olha justamente pelo fato de eu nascer na zona rural e sempre lidando como animais, desde idade de cinco anos que eu comecei a montar cavalo, correndo atrás de gado vendo aqueles vaqueiros. Então eu fiquei assim como aquele entusiasmo de participar, mais não tinha ainda conhecimento da história.

Este comentário evidencia a influência que os Encourados exercem nos moradores da região. Como é uma região pecuária, com muitos vaqueiros, eles veem no grupo o reconhecimento que eles têm, e querem participar para serem admirados também.

Essa narrativa amplia a perspectiva de entrelaçamento entre identidade e cultura no sentido de esclarecer o destaque que a representação dos Encourados vem a exercer nos vaqueiros pedronenses.

¹⁵ Registro realizado em 21 de novembro de 2014.



Figura 14-Imagem de um vaqueiro encourado que labuta e representa o herói, que participou da Independência da Bahia, o que faz com que o sentimento de orgulho e de pertencer a esse grupo seja predominante na vida deles. (Arquivo pessoal)

Percebe-se que dentro das narrativas dos meus entrevistados não existem diferenças entre a figura do vaqueiro que labuta diariamente com o gado e o mesmo sujeito que representa o movimento histórico, a fronteira entre um e o outro está caracterizada tanto pelo reconhecimento que o grupo confere a esse sujeito, bem como o contexto social que legitima essas personagens como representantes legais do Encourados de Pedrão de 1823



Figura 15 -Encourados na comemoração de emancipação política em 12 de julho/2013. O grupo está presente em todas as festividades e no cotidiano das pessoas do município, o que comprova o quanto representam o sentimento de orgulho e a própria identidade local. (Foto: Arquivo pessoal Jorge Galdino)

Para Clifford Geertz, a cultura é entendida como um sistema de símbolos e de sentidos partilhados pelos membros de um grupo humano. O autor ainda assevera que esses sentidos e significados internalizados reflexamente nas pessoas encontram-se incorporados na sua ação e na interação entre o coletivo enquanto são atores sociais.

Diz o vaqueiro Ademário, sobre o sentido de fazer parte e representar os sujeitos do movimento histórico;

E aí conseguir chegar, conhecia seu Dai, seu Horácio, este aqui presente, Dada do Rosário irmão de Dai, Albertino que morreu que é pai de Rai irmão de Vava pai de Zé Dendê mais o pessoal daqui da Boa Vista é Rai, Edgar e Zé Dendê os filhos de Albertino que eu conheço e é o sobrinho de seu Dai dos Encourados, aí eu procurei um deles para me informar a aí eu sabia era Encourado que andava com a roupa de couro eu não conheci ao couro, eu andava na roupa crua, eu nunca tinha visto uma cela um cabresto. Aí eu me informei e passei a fazer parte do grupo Encourados, por isso é que eu estou nos Encourados, que eu gostei de ver a roupa de couro que é uma roupa que faz parte do vaqueiro nordestino, que todos os vaqueiros nordestinos tem que usar roupa de couro.¹⁶

A partir disso, percebo como é forte a figura do vaqueiro e do grupo dos Encourados, a ponto de uma pessoa querer fazer parte porque conhecia as pessoas que participavam, o que a torna próxima, e também pela influência da roupa, do estilo de vida.

Durante a fala do vaqueiro Ademário fica evidente o fascínio que os Encourados despertam nesses representantes a partir de suas vestes de couro, ao contrário de suas vestimentas de labuta, de pano além do fato de desconhecerem os demais materiais de montaria como a sela e o cabresto. Em Thompson, a “interpretação do sentido das formas simbólicas implica uma análise de contextos e processos socialmente estruturados “ (p.181)

¹⁶ Registro realizado em 07 de setembro de 2014.



Figura 16- O vaqueiro Encourado, figura típica do sertão, integrante do grupo dos Encourados de Pedrão, em toda a sua caracterização e símbolo de herói da Independência. Retrata o homem simples, trabalhador, consciente de seus direitos e deveres, que defendeu a causa da liberdade. – Arquivo público

Assim, o sentido das formas simbólicas pode ser mobilizado em circunstâncias sócio históricas específicas para estabelecer e sustentar relações de dominação. É o que Thompson define como fenômeno ideológico. Na medida em que o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas para estabelecer e sustentar relações de dominação de classe, de gênero, de etnias temos a ideologização da cultura.

Ainda fazendo referência a Thompson (1998, p.90):

em contextos sócios históricos de desigualdade e opressão, as formas simbólicas também podem ser direcionadas para estabelecer e sustentar resistências e caminhos de superação de sistemas de opressão. Isso pode ocorrer tanto explicitamente de modo articulado e organizado, como implicitamente nas trocas simbólicas do dia a dia.

Essa reflexão é trazida para o discurso no intuito de mostrar como as vestes de couro agem no inconsciente do vaqueiro Ademário, dando início a um embate entre seu modo de ser, sua condição e seu lugar na sociedade, representado pelas suas vestes, e o status por trás das vestes de couros que caracterizam as vestimentas dos Encourados. Essa reflexão encontra respaldo em Thompson, quando ele destaca: “o conjunto de sentidos e significados, valores e padrões é vivido, assumido, transmitido, transformado ...no contexto de relações de poder e conflito.” (Idem, p.181)

3.2- O sentido de representar por trás das narrativas.

Relato de Ademário sobre de como aconteceu sua aproximação com os representantes dos Encourados:

Eu tinha dois filhos, aí eu falei encontrei o pessoal do grupo, tinha um Encourado aqui na Boa Vista que vinha de uma missa que estava participando aí eu procurei como era que eu fazia para chegar no grupo.¹⁷

O grupo exerce uma influência tão grande sobre as pessoas da região, que elas procuram uma maneira para fazerem parte, reviver e conservar todas as tradições pertencentes a ele.

Para Alberti (2004, p.69):

contar uma história é operar por exclusão, é selecionar o ordenar os acontecimentos de acordo com o sentido que se lhes quer conferir e que se quer conferir à própria história. Mais isso não quer dizer que o resultado da exclusão e da seleção não tenha relação como a realidade.

Assim, ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.

Esse sentido prevalece em Montenegro, (2013, p.17): “Afim, o vivido que guardamos em nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória se distingue da história”.

Nessa linha, a história oral, conforme a citação centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.

Vale dizer que, de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo. Talvez não possamos impedir que certas lembranças aflorem, mas podemos controlar a forma como essas lembranças sairão da esfera do íntimo, do privado, e ganharão vida própria no público.

¹⁷ Registro realizado em 7 de setembro de 2014.

Percebo continuamente como o exercício da história oral está intimamente ligado à memória, e nesses entrelaçamentos, concluo como é importante estarmos atentos ao pisar nesse inóspito território, complexo, rico e que, também, por isso deve ser analisado cuidadosamente, ao mesmo tempo que muda suas fronteiras e formas continuamente.

Peter Burke já descrevia a memória como uma reconstrução do passado, uma vez que lembrá-lo e escrever sobre ele não são atividades ingênuas e inocentes como julgávamos até bem pouco tempo atrás. Portanto, a memória sempre é uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado; com cuidado, sempre para a circunstância de que as lembranças só emergem a partir de um ambiente que provoque tal exercício, ao mesmo tempo em que suas falas são produtos de um estado subjetivo, que obedece aos critérios de seleção intrínseca à cada sujeito.

Para isso, priorizei a realização das entrevistas em momentos/situações em que as discussões sobre algo relacionado ao movimento estivessem circundantes: reunião de Associação, cavalgadas e festas onde a participação dos vaqueiros acontece de forma a representar o movimento. Com isso, as entrevistas aconteciam sempre quando a ambiência histórica prevalecia e aglutinava seus personagens.

Em uma dessas reuniões/encontros, por exemplo, com os associados, procurei estabelecer um diálogo de forma bem sucinta e abrangente, começando assim: qual o ponto de partida para sua aproximação com os Encourados, que levou-os a despertar o interesse na participação do desfile cívico como representantes desses personagens históricos?

Para Telmo dos Santos, 35 anos, há 02 anos associado:

A primeira ligação que eu tive com os Encourados foi numa participação em que tava o ministro da cultura, teve aí no município uma festa que teve e aí Jorge Galdino em convidou a participar, fazer parte dos Encourados. Aí foi como eu já, eu já tinha assim um gosto pelos Encourados, como eu falei mesmo os, eu já tinha como disse que os Encourados é o carro chefe das culturas de Pedrão. Então aí foi onde eu comecei a aprender a ter um gosto pela cultura¹⁸.

Observa-se como o grupo dos Encourados está tão ligado ao município de Pedrão e suas tradições, que ela é a mais forte representação da sua cultura.

¹⁸ Registro realizado em 28 de novembro de 2013.

Insisto para que ele buscasse em sua memória o primeiro contato ele nos responde:

A primeira vez que eu ouvi assim falar sobre os Encourados, quer dizer eu já conhecia a história dos Encourados, quando eu estudava primário, eu já, já falar dos Encourados, mas eu nunca tive assim contato, assim como tá dentro dos Encourados a primeira vez que eu tive esse contato como os Encourados foi no aniversário da cidade 12 de Julho, a partir daí foi só aumentando a ansiedade, foi pra outras cavalgadas como o circuito baiano...¹⁹

Mesmo já conhecendo o grupo através da escola e da história local, vê-los em toda a sua representação causa impacto, desperta sentimentos, e faz com que todos se identifiquem realmente, e passem a querer fazer parte.

Observo através do texto de Telmo que sua aproximação e, por conseguinte, sua afiliação na Associação, acontece depois de sua experiência como representante do movimento. Até então, sua referência acerca do movimento encontra eco apenas nas abordagens no âmbito da escola e da mídia (televisão)

A partir dessas narrativas, e nas demais que transcreverei a seguir, é nítida a força da presença simbólica, e como a performatização age sobre os sujeitos no interesse em participar como representantes de um movimento histórico. Encontrei respaldo em minhas reflexões a partir de Thompson, (1998, p.166), quando ele cita: “a concepção simbólica é um ponto de partida apropriado para o desenvolvimento de uma abordagem construtiva no estudo dos fenômenos culturais”

Nas falas dos vaqueiros fica atenuante que o significado simbólico que carrega os Encourados, é de grande relevância não só no momento das escolhas, mas abrange uma dimensão muito maior, alcançando o status de representação cultural dominante dentro do município de Pedrão. De acordo com Debord ,(p.14), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizadas por imagens.”

Essas imagens como as roupas de couro e o cavalo, vão adquirir uma importância circunstancial para que os intérpretes optem por fazerem parte da espetacularização do movimento histórico, como os autênticos representantes dos Encourados.

¹⁹ Idem.

Sobre o sentido da imagem dos Encourados, Anderson Maia, 34 anos, há 8 anos participa do desfile cívico, responde:

Em 95 eu sabia dos Encourados porque entrou na matéria de estudo no colégio lá no primário. A gente estudou em 95 ou foi entre 95 e 96 teve um aniversário de meu avô, que é pai de meu pai que mora em Salvador e é dois de Julho o aniversário dele. São Pedro já ficou lá pra passar o aniversário dele eu só vim embora depois de São Pedro e aí a gente vamo na rua ver o desfile, vê o desfile e o Dois de Julho chego lá quem puxa o evento? Os Encourados. Todo mundo conhecido só que eu era menino, né? Tinha muita gente aqui que mora na zona rural tinha pessoas que eu não conhecia e isso fez aquela ligação coisa e tal e vai.

Noto dessa maneira que a imagem do grupo dos Encourados participando do desfile adquiri uma dimensão muito ampla e sua visibilidade se estende para além de Pedrão. Essa constatação fica evidente diante dessa transformação no olhar dos pedronenses sobre o sentido da representação, restrita anteriormente a um sentido local através do conteúdo escolar passando a uma outra percepção, até ver este desfile, com toda a simbologia que ele representa.

A narrativa de Anderson a respeito de sua aproximação com os representantes dos Encourados é contada em meio às lembranças, recordações, memórias e traz as experiências vividas que se fazem presentes no momento atual, por conta de sua própria história, que se entrelaça com a força que a imagem dos Encourados lhe desperta.

Ainda em Thompson, ele nos faz lembrar que, visualizando as formas simbólicas e suas relações com os contextos sociais estruturados dentro dos quais elas são produzidas e recebidas, a concepção estrutural de cultura oferece uma base sobre a qual podemos começar a pensar acerca do que está envolvido na emergência e desenvolvimento da comunicação de massa". Desse modo, poderíamos suspeitar que a força simbólica despertada pelos Encourados é alimentada e irradiada tendo como substrato o contexto onde ele está inserido, ou seja, o seu território legitima seu sentido aurático para os vaqueiros associados.

Para deixar a situação mais clara, tomarei a entrevista do vaqueiro Francinaldo, conhecido como Naldo do Boi, 45 anos, há 22 anos associado;

Eu era novinho, tinha 12 anos, e aí via o grupo já naqueles trajes de couro que me chamou muito atenção, uma coisa que eu gosto da profissão de vaqueiro e aí eu ficava ansioso pra vestir. Chegava e vestia a roupa de Walter mesmo, mas ficava grande em mim, me dava uma curiosidade danada, aí ele dizia criança não vai participar, o pessoal não vai deixar e eu já louco pra ir, pegava, tinha aquela bota de couro cano longo, eu calçava, ficava acima do meu joelho (risos).²⁰

A imagem do vaqueiro é muito forte, a roupa sendo sua representação máxima, e só o fato de pegar ou vesti-la já desperta a vontade de participar, principalmente nas crianças, muitas delas já crescendo com o desejo de participar do grupo.

Outro associado Jorge Galdino narra:

Então em 1990 e aí eu tinha vontade de participar do grupo mais eu; não tinha cavalo, eu não tinha o material. Aí eu fui procurando, procurando saber por que forma, aí um colega que já participava do grupo aí me orientou que você tem que comprar o uniforme de couro porque infelizmente a prefeitura ainda não dá. Alguns que davam outros não e aí eu comprei meu uniforme, comprei um cavalo e aí comecei a participar.²¹

Muitas pessoas tinham vontade de participar do grupo, mas alguns não tinham condições, porque no início a prefeitura ainda não dava ajuda para manter o grupo, eles tinham que custear o próprio material, inclusive os cavalos.

Em ambas as narrativas fica evidente a força que os elementos que compõem a imagem dos Encourados provocam nos entrevistados, ao mesmo tempo, que permeiam o processo de inclusão e aceitação desses sujeitos no grupo.

Para Guy Debord, (2003 p.19), em sua obra “A sociedade do espetáculo”:

Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência para fazer ver por diferentes mediações especializadas o mundo que já não é diretamente apreensível, encontra normalmente na visão o sentido humano privilegiado que noutras épocas foi o tato; a visão, o sentido mais abstrato, e o mais mistificável, corresponde à abstração

²⁰ Registro realizado em 16 de maio de 2014.

²¹ Registro realizado em 7 de setembro de 2014.

generalizada da sociedade atual. Mas o espetáculo não é identificável ao simples olhar, mesmo combinado com o ouvido. Ele é o que escapa à atividade dos homens, à reconsideração e à correção da sua obra. É o contrário do diálogo. Em toda parte onde há representação independente, o espetáculo reconstitui-se.

Por outro lado, o filósofo Jean Paul-Sartre (2009, p.61) teoriza que:

A imagem é algo menor, pelo simples fato desta ter apenas uma funcionalidade representativa na apreensão do mundo externo pela mente humana. A principal qualidade da imagem seria justamente seu papel abstrato, não sendo necessária uma expressão concreta de um ente para que esta seja possível de ser pensado.

Contudo, tenho algumas ressalvas sobre essa pontuação, já que durante a coleta das entrevistas, a imagem concreta funcionou na direção contrária da teoria destacada pelo filósofo, quando percebemos que a imagem concreta do vaqueiro encourado contribuiu para o fortalecimento das atitudes dos sujeitos entrevistados.

As representações simbólicas fazem parte da história do ser humano. O entendimento da totalidade simbólica existente nas representações é fundamental para uma empreitada teórica e metodológica, a fim de desmembrar os processos de aceitação e deferimento de significância nas diferentes culturas existentes.

Essa abordagem encontra respaldo em uma passagem relatada pelo vaqueiro Jorge Galdino²², sobre uma participação dos Encourados no Desfile cívico do Dois de Julho:

Então, na minha primeira participação em Salvador o pessoal ficava: “Ei, cangaceiros, Lampião, isso... eu já tendo conhecimento da história, falei não! Não pode ser assim. Então por minha conta própria, fui para gráfica imprimir aproximadamente 2.000 exemplares de panfletos e comecei a distribuir na avenida. Em seguida conseguir falar na Câmara Municipal lá na praça Rio Branco em Salvador, para contar justamente a história dos Encourados de Pedrão. Aí já foi uma outra motivação. Aí os Encourados já passaram a ser mais respeitados no desfile do Dois de Julho, aí já recebemos mais aplausos, então ficou aquela motivação a mais.

²² Registro realizado em 21 de novembro de 2014.

Thompson, (1998, p.175), ressalta:

A cultura é uma hierarquia estratificada de estruturas significativas; consiste de ações e, símbolos e sinais, de trejeitos, lampejos, falsos lampejos, parodias, assim como de manifestações verbais, conversões e solilóquios. Ao analisar a cultura, entramos em emaranhadas camadas de significados, descrevendo e redescrivendo ações e expressões que são já significativas para os próprios indivíduos que estão produzindo, percebendo e interpretando essas ações e expressões no curso de sua vida diária.

É importante lembrar ao leitor que, em nenhum momento, pretendo me aprofundar na discussão sobre o lugar das representações simbólicas, mas apenas indicar o papel que essas representações adquirem como instrumentos que implicam no desejo dos entrevistados em participar como sujeitos na representação do movimento histórico dos Encourados (1823).

Essa justificativa se faz pertinente para que o leitor saiba que a inserção do vaqueiro na Associação dos Encourados, como primeiro passo para participação no desfile do Dois de Julho, acontece através de estímulos externos, que percebi nas entrevistas, e serão o fio condutor no interesse em fazer parte do grupo.

Como descrito por Thompson, (p.187), nos mostra que uma das características das formas simbólicas “é o aspecto estrutural, que significa que as formas simbólicas são construções que exibem estrutura articulada.” Através dessa abordagem, posso considerar que essas formas simbólicas exibem uma estrutura articulada no sentido que consistem, tipicamente, de elementos que se colocam em determinadas relações uns com os outros.

Esses elementos ao qual o autor se refere, que se encarregariam no âmbito estrutural de darem um sentido às representações simbólicas, estariam de fato assentados primeiro na ambiência dos sujeitos entrevistados, e em segundo na atividade que exercem como meio de sobrevivência: a labuta diária com o gado.

Nas memórias de Eliezer Carneiro do Rosário, (Dunga), 60 anos, vaqueiro, ele destaca²³:

²³ Registro realizado em 7 de setembro de 2014.

No tempo em que surgiu os Encourados (representação), todo mundo aqui ia, mas eu fiquei doido pra ir mas naquele tempo não tinha couro (silencio), não tinha cavalo, não tinha couro, não tinha nada eu doido pra ir, aí um dia Mi me deu um cavalo e os couros.

A situação financeira de algumas pessoas que queriam participar do desfile cívico muitas vezes era um empecilho, pois muitos não tinham condições de adquirir a roupa e os cavalos, então dependiam de ajuda para conseguir. A AEP, após sua criação, ajudou muito com recursos para a manutenção do grupo.

Quando rememora fatos de sua vida a partir da sua condição de vida, Eliezer divaga e começa a se prender em digressões e memórias individuais, ao mesmo tempo em que aponta a representação simbólica que lhe possibilita/confere fazer parte de um grupo.

Na quarta característica relativa a representação simbólica trazida por Thompson, (1998,p.190), temos:

que as formas simbólicas são construções que tipicamente representam algo referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa. Uso, aqui, o termo referencial de uma maneira bastante ampla, abrangendo o sentido geral através do qual uma forma simbólica, ou um elemento desta, pode, em um determinado contexto, substituir ou representar um objeto, individuo ou situação, bem como num sentido mais específico através do qual uma expressão linguística pode, em uma determinada ocasião de uso, referir-se a um objeto particular.

Aqui, restrinjo consideravelmente a representação e sua significância de acordo as colocações acima, essa força representativa estaria associada ao uso dos trajes dos vaqueiros Encourados de 1823, e que hoje é usado para representar o movimento do desfile cívico, e em comemorações outras como cavalgadas, festas públicas e entrevistas.

Os trajes de couro, compostos pelo chapéu, jaleco, luva, calça, peitera do animal, se somam ao conjunto de estruturas que, como pontuou Thompson mais acima, que se articulam para dar sentido à forma simbólica e, dessa forma, potencializando sua representação.

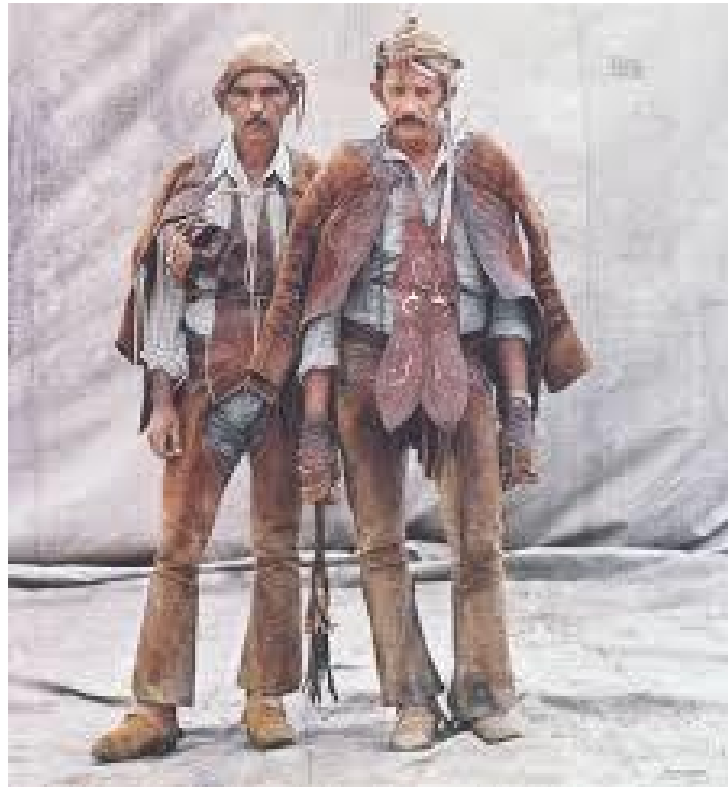


Figura 17- Homens em trajes de vaqueiro (Arquivo público)

Registro aqui o fascínio e a curiosidade que a roupa do vaqueiro e o próprio grupo exercem sobre os moradores do município, principalmente os da zona rural, que chegam a participar do grupo, para ser um deles, para assumir essa identidade, que deixa de ser referência para passar a ser a própria identidade deles.

Na visão de Benjamin, “o aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo” (1986 p.167). Essa reflexão benjaminiana sustenta minhas impressões no que confere o sentido que as roupas de couro despertam nos entrevistados. Ela é vista como uma forte referência aos primeiros personagens, usar essas vestes tal qual fora usado pelos Encourados em 1823, fortalece o sentido de autenticidade e representatividade aos seus representantes.

Conversando com os associados, percebo que “os couros”, como os entrevistados chamam a roupa que compõe a representação do movimento histórico, é de uma importância singular, já que é ela que legitima o movimento e o faz ser reconhecido perante a comunidade.

Na opinião de Anderson Maia (2014, s/p):²⁴

A roupa de couro é tudo que um vaqueiro tem... (pausa) o vaqueiro ele pode ter o cavalo melhor do mundo se ele não tem uma roupa de couro ele não pega. Ele pode ser o vaqueiro, ele pode ter o cavalo mais ruim do mundo, se ele não tiver a roupa de couro ele não corre. Então a roupa de couro pra o vaqueiro que representa os Encourados ... é a batina do padre. Eu quero ver o padre rezar uma missa sem a batina. É o que identifica, é o que identifica não? O padre só é padre na batina. O vaqueiro Encourado só é vaqueiro dentro dos couros entendeu?

Ressalto aqui a importância da roupa para os representantes do grupo dos Encourados. Ela é o símbolo maior do grupo, representa toda a sua ideologia.

Ao transitar pelos espaços de sua memória, Anderson reporta-se a força que alguns significados simbólicos adquirem no processo de identificação de algumas culturas. Essa perspectiva abordada pelo entrevistado Anderson, Sartre (2009, p.124) utiliza-se da seguinte argumentação:

Onde quer que haja uma simples comunidade haverá concomitantemente o rol simbólico e imagético de representações simbólicas, esta representatividade por vezes acaba por se tornar o aparato subjetivo definidos e diferenciador de um determinado grupo de indivíduos em detrimento do restante existente.

Por minha vez, concluo que quando um determinado coletivo vive num território específico, ocorre não só a utilização dos recursos naturais ali presentes. Faz parte da natureza humana atribuir sentido, valorizar afetivamente e subjetivamente os elementos concretos e abstratos do espaço geográfico.

²⁴ A presente citação faz parte de um recorte de narrativas pesquisadas e, por isso, não consta número de página.



Figura 18-(Colaboradora ajuda nas vestimentas de couro traje que representa o vaqueiro e o Encourado. Arquivo pessoal 18/09/2013)

Procuro mostrar nesta imagem a importância que o grupo dos Encourados tem para a população pedronense, e o seu envolvimento na participação deles no desfile do Dois de Julho. A população colabora na arrumação dos vaqueiros, é como se eles também, além de representados, também participassem do evento.

Além disso, no contexto benjaminiano, o autor discorre que a autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde a sua duração material até o seu testemunho histórico.

Essa perspectiva acima está presente na fala de Marivaldo Cerqueira dos Santos, 46 anos, vaqueiro, 04 anos no desfile cívico:

Eu via todo mundo ir, eu gostava da participação como vaqueiro todo mundo gosta, aí eu falei vou me arrumar pra ir, mais só vou se eu tiver condições ou comprar meu arreio, aí o cara disse não a Associação dá mais as vez não se dá do jeito que eu quero, tem de deixar lá, tem que trazer pra cá e eu comprando o meu, o meu é meu, cela cavalo, arreio, tudo é meu aí...²⁵

Mais uma vez pontuo a importância da roupa para a participação no grupo, pois mesmo a Associação ajudando, muitas vezes não é o traje correto, como

²⁵ Registro realizado em 07 de setembro de 2014.

eles querem. Tem que ter o deles, para ficar certo, o que comprova a necessidade da ajuda financeira para que tudo ocorra da maneira correta.

Nessa narrativa, a indumentária é uma prerrogativa importante para a participação no grupo, pois é ela que garante a visibilidade e autenticidade ao grupo, ao mesmo tempo em que fica evidente o papel da Associação na manutenção do movimento, assegurando a participação dos seus membros, mesmo que os mesmos não tenham recursos que garantam sua presença no desfile.

Concluo, nesse breve percurso, a força que as representações simbólicas adquirem enquanto legitimadoras de uma determinada situação, no caso de minha pesquisa, o movimento dos Encourados (1823), e de como elas se articulam para garantir a legitimidade de um fato histórico. A sua autenticidade será garantida a partir do sentido que esses sujeitos lhe vão atribuir como representantes legais e diretos desse movimento histórico.

Benjamin, (1985, p.169), define esse valor como aura. Para o teórico:

No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo em que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente.

A narrativa de Anderson Maia²⁶ ilustra claramente essa percepção:

Mais os Encourados lá no fundo você vê mais o povão, você indo lá atrás, você vê aquela agonia, é aquela salva de palmas, grupos organizado, tem aqueles grupos familiares. É satisfatório fazer parte dos Encourados por esse motivo. Você vê pessoas que nunca lhe viu, não lhe conhece, conhece a história e lhe dá um... lhe faz uma ressalva de palmas como o grupo familiar como a gente vê nas calçadas, nas sacadas, lá no centro histórico, ali.

Ilustra bem o sentimento de orgulho dos representantes dos Encourados, de serem respeitados e reconhecidos como heróis que foram, sentem-se valorizados por terem participado do movimento da Independência da Bahia.

Essa passagem acima, a meu ver, ilustra a importância que os membros da AEP assumem quando investidos de dar vida a figuras que remetem a um passado glorioso dentro da historiografia oficial. E como o exercício de lembrar revela para os intérpretes um momento de reconhecimento social muitas vezes

²⁶ Registro realizado em 15 de dezembro de 2014.

adquiridos somente no aqui e agora do processo de espetacularização que se desenrola no espaço público.

3.3 - A cantiga de aboio: Uma outra forma de narrar

O dicionário musical brasileiro, de Mario de Andrade (1982, p.84), conceitua o vocábulo aboiar como:

(V.l; S.m) O marroeiro (vaqueiro) conduzindo o gado nas estradas, ou movendo com ele nas fazendas, tem por costume cantar. Entoa uma arabesco, geralmente livre de forma estrófica, destituído de palavras as mais das vezes, simples vocalizações, interceptadas quando senão por palavras interjectivas, boi ê boi, boiada, etc. O ato de cantar assim chama de aboiar. Ao canto chama de aboio.

Já Cascudo, (2006), classifica o aboio como um canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. Não é divertimento, mas sim um canto de trabalho. É coisa séria, velhíssima, respeitada. Devido ao seu caráter abrangente, que a música é transmitida através da via oral, cuja prática transforma o sujeito em agente da história, uma vez que se torna parte dela ao realizar o movimento de absorção, decodificação e reconstituição de saberes significados.

Assim, compreendo que as cantigas de aboio se constituem numa forma particular de chamamento de animais pelos vaqueiros, e como forma de manter o grupo de bois ajuntado na condução de um lugar para outro. Essa prática é bastante peculiar na cultura brasileira, presente na zona rural e no interior do país. Os aboios se situam no contexto das práticas orais como narrativas, que podem carregar elementos relativos à memória local.

Essas conexões só são pensáveis pelo grande valor que a oralidade representa como arquivo da memória e ferramenta no processo de legitimação do fato histórico. Muitas vezes negligenciada por teorias que privilegiam o documento escrito ao crer que estes guardavam de forma imparcial e imóvel, vestígios do passado tal qual este se deu. No caso das cantigas de aboio, a articulação entre dicção pura e simples de sons guturais e que remetem ao mugido do gado e/ou a repetição de versos decorados, transformam o enunciante no sujeito mediador das relações entre expressão e memória.

Pode-se traçar entre essas ocorrências uma especial cadeia de movência das formas de discurso orais, pensando na perspectiva de Paul Zumthor (1997),

através dos textos em suas conexões com o contexto, enquanto expressão de um momento histórico. O aboio é aqui investigado nesta direção, apontada pela poética da oralidade e, em especial, pela particular ligação com as memórias em relação a um determinado fato histórico pelos vaqueiros de Pedrão. Com isso, a partir dos entrecruzamentos teóricos apontados acima, tentarei conhecer e compreender o lugar do fato histórico; O Movimento dos Encourados de Pedrão (1823) relevante à comunidade de Pedrão, dentro da perspectiva do texto oral, cujo recorte se dá através da cantiga de aboio.

Observei a cantiga de aboio a seguir, entoada pelo vaqueiro conhecido na comunidade de Pedrão como Naldo do Boi:

Sou um vaqueiro determinado
 Já cumpri minha missão
 Na pegada de boi sempre fui
 Um campeão
 Convocado para uma guerra
 Defender nossa nação.

A luta pela independência
 Com muita disposição
 Nossa comida no alfogem
 Com espingarda e facão
 Liderados por um padre e
 Os Encourados de Pedrão

Seguiram pra Cachoeira
 Pra defender nossa nação
 No dia Dois de Julho
 Os filhos de Pedrão
 Voltaram heroicamente
 Sem derramar sangue no chão.

E todo ano os Encourados
 Viajam para Salvador
 Para abrir o desfile
 Que faça frio ou calor
 Mostrando para todos
 Que vaqueiro tem valor

Pra falar de meu Pedrão
 Uma coisa me cativa
 Falar de um grupo considerado
 Lenda viva
 Esses vaqueiros não se cansam
 Estão sempre na ativa

Tá escrito no passado quem
 Conta a história não mente

Ao morrer um vaqueiro
 Nasce logo outra semente
 Quarenta homens bem montados
 Com um padre a sua frente

Assim segue a história
 Com nossa gente
 Festejando todo ano
 Com aboios e repentes
 Fazendo o que é bom
 E eu acho descente

Naldo do Boi me chamando
 Eu não reclamo
 Ser guerreiro nacional
 Não estava em meus planos
 Representando minha Bahia
 E o Pedrão que tanto amo.

Notei que a cantiga traz consigo fragmentos dentro das suas estrofes que nos direcionam para a ênfase no movimento histórico. Isso é possível devido às conectividades construídas entre memória e oralidade presentes na cantiga.

Depois de entoada a cantiga, pedi que Naldo explicasse cada estrofe, levando em consideração as fontes para sua inspiração.

Observando a terceira estrofe “sem derramar sangue no chão”, questionei ao vaqueiro Naldo, o que significava essa passagem na cantoria, ele me respondeu;

que os Encourados não participaram da luta pela Independência da Bahia, que ao chegar, na cidade de Salvador as lutas já haviam terminado, recebendo a ordem para voltarem tendo como recompensa o descanso de seus lares, eles são heróis porque participaram.

Adiante, pergunto ao vaqueiro em quais fontes se baseiam essa passagem dos Encourados, uma vez que nos registros oficiais que tive acesso não encontrei menção a esse fato, ele me respondeu: “ouvi dos mais velhos”.

Acredito que todo ser humano tem capacidade de administrar e fazer julgamentos sobre os atos dos que estão na condição de administradores. Para Portelli, (1996), não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas estão contadas de modo verdadeiro.

Assim, a memória coletiva auxilia na construção da identidade local e também da cidadania. Ela permite compreender como o grupo se constitui e como funciona sua identidade. Trabalhar as memórias dos vaqueiros pedronenses através

dos cânticos de aboio, é uma importante empreitada para o pesquisador, pois a memória permite uma leitura particular e própria sobre o assunto, e esta é a visão que, ao ser transmitida, precisa trazer uma leitura própria e pessoal do fato.

Na opinião de Naldo do Boi, como é conhecido na comunidade de Pedrão, o “cântico de aboio é uma forma de lembrar algumas coisas que aconteceram, que estão passando, servindo de inspiração para criação do verso”. Sendo assim, as lembranças guardam informações e imagens que dificilmente outra forma de registro o faz, pois sendo interpretação pessoal de um determinado fato, pode apresentar algumas lacunas ou acréscimos que dependerá do grau de envolvimento entre o acontecimento e quem o relembra. Contudo, é importante pensar como essas construções e discursos históricos foram apropriados e ressignificados pelos vaqueiros, assim como sugere Burke (2006), a história de todas as culturas é a história de empréstimo cultural, ou seja, o processo de assimilação e apropriação é essencial.

Perguntado mais adiante como o fato histórico dos Encourados tem lugar na memória do vaqueiro, Naldo responde; “os Encourados representam para nós, como os soldados que foram lutar na guerra, quando estou representando os Encourados me sinto um soldado pronto para defender minha pátria”.

Através do diálogo com Naldo do Boi, percebo que o fato histórico só marca presença na cantiga de aboio, quando todos os vaqueiros estão reunidos e vestidos com as roupas dos Encourados, por exemplo, nas comemorações cívicas locais ou estaduais. Assim, concluo que cabe ao momento/situação servir de inspiração para construção dos versos presentes no cântico.

Por outro lado, cabe ao entoador direcionar a história presente nos versos, ou seja, cada cantiga tem seu traço particular a partir da seleção das memórias subjetivas individuais de cada vaqueiro que entoia. Alberti, (2004), afirma que as combinações entre o vivido e o concebido presentes nas fontes orais, remetem ao esforço obstinado e ao mesmo tempo impotente de refazer o percurso do vivido.

Para os vaqueiros, as lembranças são soltas, cabendo às conexões entre o vivido e a inspiração através dos estímulos externos, criar uma interpretação mais ampla. Assim, sem essa configuração, os versos presentes na cantiga ficam sem sentido. Bosi, (1994), define esse exercício de reinterpretar as lembranças, isto é, uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugida.

Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos, como nas cantigas de aboios. Elas só se identificam quando conflitos sociais as evocam, ou quando o pesquisador que se utilizar da história oral criam condições para que elas surjam e passem então a serem registradas, analisadas e possam fazer parte da memória coletiva.

Para Le Goff, (2003), descendem daqui diversas concepções recentes de memória, que põem à tónica nos aspectos de estruturação, nas atividades de auto-organização, os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológico como nos psicológicos, mas não são mais do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui.

Embora seja o aboio um canto de trabalho do vaqueiro, quando retirado do campo, ele assume outras faces. Os versos ora adquirem um tom de crítica social, ora de safadeza ou religiosidade. Como podemos perceber, o aboio está presente em manifestações festivas ou momentos de melancolia, apresentando uma variedade de temas, conforme o motivo que estimula o vaqueiro aboiar.

Assim, essa produção que tem como viés a oralidade, marca de expressão de um coletivo, é traduzida por uma só voz, a voz do narrador. Com isso sua performance de transmissão de história e fatos, não fala apenas sobre algo, mais se inclui naquilo que se diz.

Além de ser um elo entre o homem e o animal, é também um fator de integração entre os próprios vaqueiros.

No aboio, o vaqueiro canta sua realidade, suas experiências, e delas faz matéria para fortalecer sua relação com os companheiros, ombreados a ele na lida.

4. VAQUEIRO, TERRITÓRIO E ASSOCIAÇÃO DOS ENCOURADOS: O COTIDIANO DOS ATORES PEDRONENESES

É somente na modernidade que atores sociais se convertem em objetos de interpretações que fizeram perceber como se passa a identidade. Sendo assim, as teorias propostas anteriormente se constituem numa reflexão peculiar. Fazem perceber como os processos de interação desencadeados pelo imaginário moderno estão intimamente ligados à produção de atores sociais, portadores de domínio reflexivo de sua representação em público.

Uma leitura apressada poderia levar à compreensão de que o cotidiano se traduziria num campo de disputa entre atores que circulam num mundo de fachada. Mas os pressupostos teóricos que orientam a produção dessa pesquisa não traduzem o entendimento de que o caráter performático fez das práticas cotidianas algo facilmente manipulável, nem tampouco colabora com as ideias de que a vida social seria resultante da capacidade de diferentes atores acionarem mecanismos que controlam a impressão que dão de si.

Para Hall, quando a identidade é percebida sobre uma ótica sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Neste capítulo, tentarei traçar tendo como fio condutor as diferentes formas de narrar, o que levou esses vaqueiros e membros da associação a se constituírem em legítimos representantes dos vaqueiros voluntários denominados Encourados de Pedrão de 1823. Dessa forma, pretendo a partir do olhar caleidoscópico da Crítica Cultural, me aproximar do sentido que é atribuído pelos vaqueiros ao exercício de representar e personificar uma tradição.

Nesse trânsito, procurarei me sustentar num olhar que ofereça condição de desvelamento dos fazeres desses sujeitos comuns, que ao desmontar peças e esvaziar sentidos, lê novos sentidos e produz outros.

Contudo, as reflexões que dão corpo a este capítulo se sustentam em duas abordagens a fazer saber: a representação e a performance. Para isso, tomarei em consideração os aspectos subjetivos e simbólicos presentes nas falas desses sujeitos, uma vez que desejamos priorizar o estudo da auto-apresentação e da autoconsciência dos entrevistados.

Essa ambiência será pautada nas teorizações de Thompson (1998), acerca do sentido da representação na cultura. Dando sequência, será priorizado o significado performático atribuído ao movimento dos representantes dos Encourados, com vistas promover a atenção/ interesse e a participação dos vaqueiros pedronenses no desfile cívico, para isso trarei as discussões de Debord (2003), em torno da espetacularização.

As representações mais correntes pelas quais é associado o vaqueiro foram elaboradas por memorialistas, literatos e folcloristas ou, mesmo, emergem das artes populares cotidianas como cordéis/repentes, e está associado às abordagens que enfocaram o campo como lugar de pecuária. Diante dessa conjuntura, procuro nesse capítulo, inicialmente, apresentar uma breve leitura cronológica e linear sobre a presença do vaqueiro no Brasil, que se inicia na colonização portuguesa até a atualidade.

O propósito se sustenta na necessidade de oferecer ao leitor uma compreensão mais clara do sujeito da pesquisa. Mais adiante, apresentarei a Associação Encourados de Pedrão, sua formação, seu papel como interlocutor entre o passado histórico e a representação dos Encourados na atualidade, bem como as ações pensadas e desenvolvidas pela associação com o intuito de manter viva a memória dos Encourados.

4.1 Identificação e visibilidade -vaqueiro no município de Pedrão

A criação de gado começou a ser realizada no Nordeste como atividade complementar à do açúcar. Ao longo dos séculos XVI e XVII, o gado era muito útil como alimento, força de trabalho e transporte, além de fornecer couro. Gradativamente empurrada para o interior, tornou-se a primeira atividade econômica que penetrou no sertão da colônia, principalmente no Ceará, no Maranhão, no Piauí, em Tocantins, Pernambuco e na Bahia, descendo pelo rio São Francisco. Nessa vasta área ainda descolonizada, as fazendas de gado chegavam a constituir enormes latifúndios, onde os animais eram cuidados por trabalhadores livres, geralmente mestiços ou brancos pobres pagos em espécie.

O texto do padre André João Antonil (2005, p.152) nos fornece uma ideia do contexto sobre a criação de gado no Nordeste. A citação a seguir foi retirada do livro *História Geral e do Brasil*:

As fazendas e os currais de gado situam onde há largueza de campo e águas, por isso os currais da Bahia estão nas margens do rio São Francisco. E, posto que sejam muitos os currais de parte da Bahia, chegam a muito maior numero os de Pernambuco. As boiadas que vêm para a Bahia possuem de cem, cento e cinquenta, a duzentas e trezentas cabeças de gado. Os que trazem são brancos e pretos, e também índios, que com este trabalho procuram ter algum lucro.

Observo que, em decorrência do desenvolvimento dessa nova economia no interior do Brasil, outras formas de mão de obra, além da mão de obra escrava, começam a se delinear. Ao contrário de outras economias que exigiam mão de obra importada de outro continente, como a mão de obra escrava, a economia da pecuária podia ser tocada por um grupo heterogêneo de trabalhadores.

Ainda sobre a dimensão dessa nova economia, que marca a nova geografia econômica do Brasil, Luís da Câmara Cascudo (1939, p.114) destaca:

As fazendas se multiplicaram. O gado era tudo. Capistrano de Abreu chama a “era do couro” porque o couro significava quase a própria economia da época. A pecuária dava, como na Grécia antiga, o sentido de riqueza e de força social. A figura máxima era o fazendeiro, com sua gadaria, seus vaqueiros e trabalhadores do eito.

Nota-se, assim, que a figura do vaqueiro se constitui um dos braços na administração e manuseio do gado, fonte de renda que sustenta as grandes, médias e pequenas propriedades.

Para o Antropólogo Washington Queiroz, a chegada da primeira leva de gado na Bahia acontece entre 1549 e 1550. As primeiras cabeças de gado que chegam aqui na Bahia desembarcam na península Itapagipana, região plana e com vegetação de pastagem. A partir daí o território da Bahia é inundado de gado tendo à frente o trabalho do vaqueiro. Então, o vaqueiro assume o lugar de destaque na ocupação tanto territorial como na estruturação sociocultural.

Ainda orbitando nas colocações de Washington Queiroz, o percurso físico e também o temporal exigem dos vaqueiros a criação de saberes e fazeres, equipamentos e técnicas, procedimentos que possibilitaram o desbravamento do meio inóspito das caatingas, moitas agrestes, cerrados, chapadas e planaltos além do estabelecimento de vida sociocultural no sertão, e em coexistência com os índios lá existentes. Fica claro no discurso do Antropólogo um conceito de cultura, cujos parâmetros se baseiam no sistema adaptativo que servem para adaptar as comunidades humanas à sua base biológica e ao ecossistema. Nesse contexto incluem tecnologias, modo de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e de organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.

Em De Certeau, (1998, p.202), aponto:

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de moveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço e o efeito produzido pelas

operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.

Tendo esse conceito de espaço como ponto de partida, criam-se condições para refletir a construção do espaço que cerca esses vaqueiros, através das ações desses sujeitos, que demarcam e caracterizam o sentido da economia no interior do país desde o sec. XVI. Essas ações implicam nos modos de uso no espaço que circundam, apontando outras formas de dominação muitas vezes conscientes ou impostas em relação à aceitação do que existe.



Figura 19 - Foto dos arredores de Pedrão (2014). Arquivo pessoal.

Na região de Pedrão, a pecuária tem uma importância muito grande, e é um dos pilares da economia local, daí a importância da figura do vaqueiro, que sobrevive até os dias atuais, como símbolo de força, resistência e coragem.

Assim estabelecida, a relação e interação com o meio para o delineamento de uma cultura que se enquadre como representante desse coletivo social formado pelos sujeitos que labutam com o gado partiu para a construção de um conceito indentitário, cujo objetivo é categorizar esses sujeitos como vaqueiros.

A identidade e os processos de identificação são sempre frutos de disputas políticas que implicam na seleção de determinados elementos para compô-los. Enfim, o que procuro destacar é que, apesar do conceito de identidade querer se apresentar como algo imutável e atemporal, ele na verdade é uma construção social.

Embora tenha se transformado significativamente ao longo dos séculos, a imagem do vaqueiro encourado perseguindo o gado bravo por entre a vegetação espinhenta ainda marca as narrativas, muito difundidas nas regiões de pecuária. Corroborando com esse entendimento, e com base em Cascudo (1989, p.109), citamos:

O vaqueiro “encourado”, com sua armadura cor de tijolo, suas esporas de prateleira, seu gibão medieval, sua guantes que apenas cobrem o dorso da mão, recua. Recuam os vaqueiros e com eles desaparece a “gesta” secular e anônima dos heroísmos sem testemunhas e das coragens solitárias e atrevidas.

Esse perfil, construído por Cascudo, nos oferece a dimensão da identidade simbólica que adquire os trabalhadores responsáveis pelo manuseio com o gado. Em sua observação, os vaqueiros tomam formas de figuras míticas. Essa construção se exprime na narrativa a seguir:

De como ele é né, como eu acho, o que eu acho, o que vem na minha memória. Vaqueiro eu acho assim; que é um homem que ele lida com o gado, com boi né? O nome tá dizendo vaqueiro, vaqueiro vem de que? Vaca, então eu acho bonito quando ele tá ali dominando no o caso o boi, né isso? Quer dizer o boi tá ali é a mesma coisa, pra mim, eu acho assim que um fica observando, mesma coisa da gente, com a gente tá dominando ali, dominando não assim, querendo botar na linha é dar um exemplo a uma criança, não é isso? Entendeu, porque se ele não souber dominar o gado, o gado vai dominar ele e aí como é que faz? Então ele não precisa tá ali montado naquele cavalo também, ele tem que saber como é que ele monta no cavalo, por o cavalo também tem que saber, e ele seguir junto com o cavalo o gado, quer dizer..., se o gado vai, se o boi vai na frente e o boi vai pensar o que? Não tem ninguém atrás de mim para me dominar eu vou para onde eu quiser, faço o que eu quiser, então ele tá ali para dominar o boi, botar o gado para onde ele vai, o que ele vai fazer, tirar ele do abismo, porque se não tiver ninguém para poder seguir o gado. Se os gados tiver ali, se tiver ali sozinhos, e como ele vão vai saber se é o caminho certo dele ir, se ali é o caminho errado dele ir e com uma pessoa ali no caso o vaqueiro, ele é o que? Ele é o espírito ou ele é assim, porque Deus é o nosso guia, então o vaqueiro é o guia do boi.²⁷

A partir dessa perspectiva, que norteia a construção da imagem do vaqueiro, é necessário evidenciar se os moradores de Pedrão se enxergam nessa imagem. O vaqueiro é símbolo de guia, de corajoso e dominador. Essa construção acontece a partir de um território e dos elementos implicantes. Para Santos (1994, p.80):

O território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem

²⁷ D. Joselita, moradora de Pedrão, registro realizado em 26 de março de 2014.

e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente.

Partindo desse ponto de vista, comprovo que existe um entrelaçamento, uma troca que acontece entre sujeito e território na construção da imagem de cada um.

Seguindo as pistas descritas por Santos (1994), será possível notar como o personagem do vaqueiro encontra ambiente favorável no município de Pedrão. São seus elementos de dentro do território que dão forma a essas figuras. Por outro lado, são esses sujeitos que constroem e mantêm a dinâmica do lugar, como elementos de uma identidade territorial.



Figura 20 - Vista da entrada principal da cidade de Pedrão (2014). Arquivo pessoal.

Cidade típica do interior da Bahia, Pedrão é uma cidade pequena, com fazendas, gado e muitos vaqueiros. A base da economia é a pecuária, e ainda mantém muitas tradições, como o grupo de Vaqueiros Encourados de Pedrão. Possui pastagens muito extensas, o que comprova esse fato.

Na literatura encarregada de explicar a formação do município de Pedrão, encontramos algumas situações que se constituem em paralelos ao discurso de Santos. A obra literária de Jorge Galdino (2009, p.22), morador de Pedrão, nos informa que a formação da localidade de Pedrão acontece logo após a chegada do

casal Francisco Ferreira de Moura e sua esposa Maria Mendes Bezerra, em 1745. Ao chegarem na localidade, construíram a primeira casa que se tem registro, de madeira também chamada de sobrado edificada com o trabalho de 30 escravos responsáveis pela construção. Logo após é construída a capela, em 1779 e, mais adiante, em 1782, se constrói mais dois sobrados e a igreja matriz.

Como a região possuía áreas ótimas para a vegetação de cana de açúcar, o primeiro agricultor chamava-se Miguel Mendes (sendo que um dos dois sobrados foi construído por ele) e fez o primeiro plantio de lavoura açucareira da fazenda laçu até a fazenda América.

Essa descrição se completa ainda com a chegada de mais outra família, a construção de mais um sobrado e a realização de outro grande plantio de cana de açúcar. Através desse panorama, observamos que Pedrão se constitui desde sua formação em um território propenso para a presença do vaqueiro, pois é nesse ambiente rural que os vaqueiros surgem como força de trabalho predominante, e propicia para o desenvolvimento da economia local, baseada na agricultura e na criação de gado.



Figura 21 - Foto da paisagem de Pedrão (2014), com suas fazendas de grandes pastagens, cuja figura principal é o vaqueiro. Logo na chegada, fica evidente sua importância para a economia do município através das exuberantes propriedades de terra. Arquivo pessoal

Na atualidade, a presença da figura dos vaqueiros se afirma devido ao destaque. Com isso, o município caracteriza-se como uma das maiores bacias leiteiras do Litoral Norte, como comprova sua participação em um programa estadual de inseminação artificial. A ação desenvolvida pela Gerência Regional da EBDA em Alagoinhas, nos municípios de Biritinga, Conde, Inhambupe, Itapicuru, Alagoinhas e

Pedrão, vem contribuindo para o melhoramento genético do rebanho, com resultados significativos, como o do agricultor Jaime Marques Borges (71), da Fazenda Povoação, em Pedrão, que terá a segunda geração de vacas inseminadas dentro do programa.

Outra informação que aproxima das análises do professor Milton Santos (2008) sobre a relação entre território e indivíduos, é marcada pela existência, no município de Pedrão, de 37 fazendas conforme Jorge Galdino cita em sua obra. Através da sua cartografia, é possível entender como a figura do vaqueiro e sua atividade estão presentes de forma ativa na formação do município, e na constituição de uma cultura que carrega marcas profundas desses sujeitos.

Durante uma conversa com professor Jorge Galdino²⁸ e Naldo²⁹ do boi, obtive a informação que a economia já foi destaque no município em comparação com hoje. Desse modo, conclui-se que a formação do município de Pedrão teve sua origem na agricultura e na pecuária.

Agricultura e pecuária, plantação de fumo, mandioca, amendoim, feijão e milho. Hoje em dia, meu amigo, você passa aí nessas terras nem um val roçado para plantar milho, porque a essa altura já tinha vários lugares aí já preparado para 19 de março começar a plantar milho. Hoje em dia que tristeza.

A fazenda de Dr. Rui era uma empresa aqui em Pedrão. Eu cheguei a trabalhar lá junto com o pai de Anderson lá tinha 14 pessoas trabalhando direto, tinha outras pessoas que trabalhavam no campo, tinha mais de vinte pessoas trabalhando, olhe, Pedrão foi uma das maiores bacias leiteiras da Bahia.

Em ambas as lembranças, notei como o meio colabora na construção das relações de vida, uma vez que todas são construídas tomando como referência a relação com a terra, o campo.

Dentro dessa perspectiva, a figura do vaqueiro vai ser um elemento norteador na formação da cultura local, presente nas relações diárias e como elementos de uma memória local.

O vaqueiro, nesse contexto, não aparece como um mero representante de uma força de trabalho que se sustenta na relação com o campo. Seu significado para a comunidade pedronense adquire uma dimensão para além das cercas de

²⁸ Galdino vaqueiro, morador, vaqueiro, escritor, poeta e representante dos Encourados. Registro realizado em 21 de fevereiro de 2014.

²⁹ Naldo do Boi, morador, vaqueiro, aboiador e representante dos Encourados. Registro realizado em 21 de fevereiro de 2014.

aramé das grandes e pequenas propriedades. Por outro lado, emerge como o sujeito que carrega elementos que iram moldar o tecido cultural da localidade em que está inserido, através das marcas que carrega.

Nas considerações de Washington Queiroz (2014, p.4), o vaqueiro é um polivalente: é o lutador, curador, primeiro por assim dizer veterinário do sertão, arquiteto, artesão, administrador, criador de técnicas e conhecimentos nas áreas de botânica, fitoterapia e meio ambiente.

Essas considerações vêm a corroborar o status que o vaqueiro adquire dentro da sua comunidade, em nosso caso específico de pesquisa, o vaqueiro da comunidade de Pedrão, suas marcas/ habilidades se entrelaçam com as práticas cotidianas locais, extrapolando seu território, aglutinando elementos a uma cultura em constante construção e que se (re)elabora continuamente.

Essa cultura do vaqueiro no município de Pedrão está presente nos hábitos dos moradores, criando desse modo um corpo identitário. Assim, as pessoas criam vínculos, laços em torno de sentimentos que são compartilhados de forma coletiva e estão imersos de significação. Por outro lado, tomando as considerações de Albuquerque (1999), devemos nos atentar que as tradições como veículos identitários que são sempre invenções feitas por grupos humanos numa determinada época. Não há algo tradicional desde sempre, e nada do que é tradicional está isento de modificação, de transformação, a mudança cultural nem sempre necessita destes monstros externos para ocorrer.

Tudo isso nos incita a refletir que processos externos influenciam no processo de construção da identidade de um determinado grupo social, criando marcas que são comuns no reconhecimento do outro como sujeito de um mesmo coletivo.

A cultura do vaqueiro, no município de Pedrão, de fato se constitui em uma marca forte de representação enquanto identidade, construída a partir de fatores como o meio físico que compõe o território e que ao mesmo tempo prevalece como forma de representação típica de uma sociedade de base rural. Fica claro, nessa perspectiva, que sociedade e cultura se entrelaçam, formando um único sistema sócio cultural, onde uma se enraíza e se expressa na outra.

Ao perguntar a Seu Ademário³⁰, qual o significado de ser vaqueiro para ele, eis o que ele me respondeu:

³⁰ Morador da cidade de Pedrão, vaqueiro representa os Encourados através da personificação do Frei Brayner.

Eu passei na lida de vaqueiro a partir de 10 anos. Eu montava, prendia gado dos outros, porque eu nunca tive. Prendia dos outros, ajudava alguém, trabalhava pros vaqueiros, ia adiante nas mata, ajudava. Ia adiantado porque ninguém me chamava. Eu ia porque eu gosto do serviço. Gosto. Comecei gostar e gosto até hoje do serviço de gado. É por isso que eu estou na vida de gado até hoje.
(07/09/2014)

O ofício de ser vaqueiro, na zona rural da cidade, passa de pai para filho, pois desde pequenos eles já acompanham o pai na lida e, conseqüentemente, assumem o mesmo trabalho.

Evidencia-se, na fala do vaqueiro Ademário, que a construção da identidade de vaqueiro é construída a partir do entrelaçamento entre o desejo pessoal e os elementos exteriores presentes no ambiente em que vive, e nos sujeitos que atuam nessa atividade de labuta como gado. No curso de nossa conversa, Ademário resolve dar continuidade as suas impressões através de um aboio, vejamos o que ele canta:

Ê, ê, ê, â.
Vamos nós falar
do vaqueiro desta nossa região.
Uma classe bem unida,
colega de profissão.

Que pega rês foragida
marra e ai traz pro morão,
Ferra e cura a bicheira
e entrega ao patrão³¹.

A fé é uma temática constante e vivenciada pelo vaqueiro. Mas, além disso, o heroísmo é motivo de cantos, que centralizados na valentia, na coragem física e nas façanhas humanas. Ficam evidentes no relato e na cantiga, algumas características relacionadas à postura do vaqueiro pedronense. Primeiro: o envolvimento do indivíduo com a labuta do gado; segundo: nota-se a exaltação desse homem valente resultado do meio em que vive ao mesmo tempo em que enfatiza o companheirismo, o trabalho em grupo e o seu comprometimento e pertencimento ao patrão.

Por outro lado, múltiplos são os discursos tecidos sobre a identidade do vaqueiro. Esta multiplicidade vai ser responsável por apresentar uma perspectiva de identidade que não é uniforme, pelo contrário, se constitui em uma imensa colcha de

³¹ Cantiga de aboio, pelo vaqueiro Ademário. Registro realizado em 09 de novembro de 2013.

retalhos, nos mostrando que, dentro de uma comunidade que procura através de seus símbolos legitimar uma identidade predominante quando estudada pela lente de aumento do pesquisador, nos apresenta as rasuras e marcas para além do discursos identitários uniformizantes.

Um exemplo dessa reflexão apresentada acima foi evidenciado durante uma conversa com a professora Berenice³², moradora antiga da cidade de Pedrão. Perguntei a ela que imagem ela tinha do vaqueiro, tive seguinte resposta:

Eu não tenho imagem muito boa de vaqueiro não. Quando eu era menina, não... eu achava assim: que ele não era bom, era coisa assim com matança com gado com aquelas coisa. Então eu, na minha mente eu não dava muita... eu não me preocupava com isso não. Para mim, eu disse assim: “Oh meu Deus uma pessoa assim lhe da com gado...” Achava que era assim uma pessoas grosseiro, um povo assim rebelde, um povo ignorante, como ferrão na mão. Eu não dava muita ligança não, sinceramente. Aí eu dizia assim: “Aí meu Deus, povo muito agressivo, grossão... aquele povo assim.



Figura 22 – Foto de vaqueiro, figura principal da região e da cidade representa o símbolo de resistência às adversidades, valente, ao mesmo tempo em que é um grande companheiro, pois sempre trabalha em grupo, na labuta com o gado. Arquivo pessoal

Destaco, nos depoimentos acima, que o veículo memorialístico se torna predominante. São as lembranças que, como uma ferramenta, tratam de dar forma ao sentimento que cada entrevistado possui a respeito do vaqueiro, quando incitado a falar sobre o mesmo. Assim, embora parta do real, do fato, do acontecido, o

³² Moradora da cidade de Pedrão, professora aposentada participa ativamente das ações culturais da comunidade. Registro realizado em 26 de março de 2014.

processo da memória se descola e passa a operar através de uma dimensão onde as motivações inconscientes e subjetivas constituem o vetor determinante da construção desse quadro.

Através do relato sobre pesquisa e o sujeito pesquisado, o depoimento da professora Berenice, nota-se que a dimensão do fato opera sempre em sintonia com o que é apresentado, ao mesmo tempo em que faz emergir de diferentes formas e em diferentes momentos as impressões sobre o que se interpela. Dessa maneira, a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou indivíduo, formando todo um imaginário.

Essa abordagem que por ora realizo aqui sobre as ações da memória observada nos entrevistados acima colocou-me a frente das diferentes construções acerca de um mesmo sujeito, levando-me a refletir que o encontro com o entrevistado é sempre uma interrogação, como diante de um documento desconhecido. Observamos em Alessandro Portelli, (1987, p.25), que “o controle do discurso histórico permanece firmemente nas mãos do historiador”.

Dando seguimento ao roteiro³³ de entrevistas sobre as impressões dos moradores de Pedrão em relação à figura do vaqueiro, entrevisto Raimundo³⁴, escritor e presidente da Associação do povoado, que assim descreve a sua impressão a respeito dos vaqueiros pedronenses depois que peço que fale sobre a imagem que o vaqueiro lhe transmite:

Eu acho que vaqueiro é um profissão, o vaqueiro é o homem que cuida do gado né? É. Cuida do gado, zela o gado. Agora eu acho que na minha ideia o vaqueiro é o homem do campo que zela o gado, a minha ideia é essa. [perguntado se seu pai era vaqueiro ele responde:] Não, não. Tinha umas cabeças de gado. Eles tem a distinção entre quem mora no campo e quem efetivamente é vaqueiro, que lida com o gado.³⁵

Pergunto se ele não considera qualquer pessoa que labuta com o gado um vaqueiro, ele me responde: “porque aqui a gente pensa que é vaqueiro é quando uma pessoa só faz aquilo”. Fica claro na narrativa de Raimundo que existe uma restrição no sentido da atividade, para Raimundo o vaqueiro é aquele empregado,

³³ Esse roteiro ao qual me firo inicia-se tendo sempre em mãos caderno e caneta para algumas anotações, duas ou três questões para servirem de parâmetros na hora da entrevista, gravador e máquina fotográfica.

³⁴ Agricultor, escritor, cordelista e líder comunitário.

³⁵ Registro realizado em 16 de maio de 2014.

contratado para exercer a função específica. O dono do gado não é considerado vaqueiro.

A coleta dessas entrevistas deixou clara a dimensão que elas adquirem frente a uma mesma abordagem, o que vem a corroborar sobre o processo de rememoração e como o mesmo se torna, muitas vezes, mais rico quando o caminho da abordagem se faz através de um processo diversificado das lembranças, através do qual a chave para alcançar visões, opiniões, análises sobre o passado que surge de forma inusitada. É válido ressaltar que a abordagem direta de um determinado assunto, acontecimento, nem sempre desencadeia um processo de relembração.

Retomando Portelli (1987, p.23), uma das condições do trabalho do entrevistador/pesquisador é que: “ele aceite o entrevistado e dê prioridade ao que este deseja contar, sobre o que o entrevistador deseja ouvir”. Essa postura descrita e sugerida pelo teórico acima serviu de método para que eu pudesse prosseguir na entrevista a seguir. Para isso, procurei deixar o entrevistado à vontade e, desse modo, não foi sugerido um ponto de partida, um fio condutor que orientasse as falas/narrativas do nosso entrevistado.

Seguindo minha proposta de interlocução, parto para encontrar com seu José do Morro, como é conhecido nas redondezas de Pedrão, 83 anos, vaqueiro desde menino como auto se marca, todas as pessoas na comunidade fazem referência a ele pela sua experiência e permanência ainda na atividade com o gado.

Após a minha chegada, depois dos cumprimentos e uma xícara de café, iniciamos uma conversa sobre a arte de vaquejar e pedi para que ele me dissesse qual o significado que a palavra vaqueiro despertava em sua memória, ao que ele me responde:

O vaqueiro é labutar como o gado pegar o gado, né? Tomar cuidado, labutar com o gado, contar, vai nu canto vai no outro espia (sic), se tem boi no atoleiro, se tiver uma rés que a cobra mordeu, se vê logo o corte da dentada dela, cuidado do vaqueiro é esse, o vaqueiro é para isso tomar conta do gado, oia bem direitinho, tomar bem cuidado, quando o patrão chegar tá tudo em dias.³⁶

Para eles, o vaqueiro realmente é aquele que trabalha na labuta diária com o gado, com toda a responsabilidade que esse trabalho exige.

Depois de sua explicação, pergunto para seu José se o vaqueiro é um funcionário da fazenda, ao que ele responde: “A é... oia. Oreio em tempos de seca,

³⁶ Registro realizado em 16 de maio de 2014.

oia os brejos todo o dia, olhar o gado é como agente tem um verso: o vaqueiro quando é vaqueiro zela seu gado e quer bem e todo dia vai ao pasto contar o gado que tem.”

Nessas narrativas, percebo a repetição de alguns termos/palavras como forma de reafirmação ao deixar claro a veracidade da narrativa que se está transmitindo. Para Alberti, (2004, p.17), “repetições e detalhes que funcionam como divisões infinitesimais em uma entrevista, podem ser percurso do vivido”. Repetir, então, é assegurar a veracidade do texto construído pelo sujeito da entrevista, a fim de não deixar dúvidas sobre o que se expõe.

Dando continuidade à nossa conversa, pergunto a seu José como era ser vaqueiro em Pedrão, ele responde:

Agora têm uns que às vezes facilita, mas eu lhe digo, minha patroa morreu, vendeu a quem morreu. Eu não tinha dia de domingo, eu não tinha dia santo, não tinha nada. Quando eu não ia ver o gado eu não ficava quieto tinha um gasta danado e tenho ³⁷.

Entendo, com os relatos apresentados acima, que os saberes e valores tradicionais que norteiam a prática do vaqueiro embasam seu mundo do trabalho e apontam para demarcar seu lugar na atividade laboral.



Figura 23 - Seu José do Morro, mais antigo vaqueiro vivo do município de Pedrão – Ba (2014). Foto de arquivo pessoal.

Seu José representa o típico vaqueiro da região, que passou toda a vida exercendo esta profissão que se confunde com sua própria identidade, uma vez que todas as suas lembranças e a própria vida estão intimamente ligadas a ser vaqueiro.

³⁷ Registro realizado em 16 de maio de 2014.

A partir das diferentes narrativas que me propus a buscar, nota-se que diferentes são as imagens e o sentido que se constrói sobre o vaqueiro pelos sujeitos que habitam no município de Pedrão. Porém, em todas as narrativas, essa figura está viva em suas memórias e, de algum modo, presente nas histórias de vida dos entrevistados. Para reforçar essa reflexão, sublinho o seguinte trecho da obra de Cascudo, intitulada *Literatura Oral no Brasil*. “Vezes paramos porque vinte estradas correm na mesma direção, embora volteando paisagens diferentes. E cada uma dessas paisagens podia ter influído, poderosamente, para o aspecto total do objeto estudado” (1939, p.31)

Isso leva a crer que, de fato, a figura do vaqueiro tem uma dimensão expressiva e significativa no município de Pedrão. Nas vozes dos seus moradores, é possível observar essa exaltação. Ao mesmo tempo, sublinho dentro dessas narrativas a relação que é construída através da valorização dos vaqueiros, como elemento de construção da identidade dentro do coletivo local, como reforça a criação da Associação dos Encourados de Pedrão, para resgate da participação dos seus membros no movimento da Independência da Bahia.

Sendo o vaqueiro a peça fundamental do presente trabalho, torna-se necessário dedicar um capítulo específico a ele que é, a priori, o elemento originário da Associação dos Encourados de Pedrão.

4.2 Associação dos Encourados de Pedrão: representação e memória

Informo para o leitor que o destaque dado a Associação dos Encourados de Pedrão nesse tópico se faz necessário, a partir das narrativas dos entrevistados que a definem como porta de entrada para participação como representantes do movimento histórico Encourados de Pedrão no desfile cívico do Dois de Julho. Não é minha intenção me aprofundar na teorização do conceito de formação e funcionamento que explicam o papel de uma Associação, objetivo apenas pontuar a Associação Encourados de Pedrão como parte do processo de construção da representatividade e legitimação dos seus membros, como atores que dão sentido a um fato na historiografia baiana e brasileira, bem como a uma tradição local.

Considero desse modo a associação como uma entidade que é responsável por uma encenação que traz à tona a memória da participação dos vaqueiros (voluntários) na luta pela Independência. Assim, incentiva-se através das ações da Fundação Gregório de Matos, do Estado e outros, a manutenção dessa

tradição como lembrança de um fato histórico que comprova a participação popular no episódio. Com isso, reforçam-se os discursos que apontam para o envolvimento das classes populares na luta pela libertação do país, dando assim legitimidade ao movimento.

Nesse âmbito, variadas são as formas de se produzir cultura. Essas múltiplas possibilidades permitem que se perceba a dimensão que as produções culturais adquirem, seja no campo do individual ou do coletivo, em ambas as situações, levando em consideração suas intensidades e seus propósitos. Essas produções adquirem uma enorme força enquanto afirmação ou negação de uma identidade ou de uma tradição. Nessa perspectiva, destacarei o lugar da Associação Encourados de Pedrão como célula de produção e circulação de cultura, uma vez que procura articular e manter a tradição que envolve a participação histórica dos Encourados de Pedrão dentro da memória local e regional, além de ser responsável pela participação dos seus associados como representantes do movimento dos Encourados (1823) no desfile cívico do dois de Julho em Salvador.

Partindo da importância que esse movimento histórico adquire dentro da historiografia oficial, através da participação dos voluntários Encourados de Pedrão em 1823 no processo de expulsão dos portugueses do território baiano e de sua dimensão no âmbito da cultura local e regional, cria-se em 01 de outubro de 2007 a Associação Encourados de Pedrão (AEP), tendo como prioridade agrupar vaqueiros do município que queiram personificar os Encourados no desfile cívico do Dois de Julho, conforme artigos que integram o Estatuto da Associação dos Encourados (AFP) em seu Capítulo I:

Art. 1º. A Associação dos Encourados de Pedrão ou, abreviadamente AEP de Pedrão /BA, fundada em Assembleia realizada em 1º de outubro de 2007, nesta cidade, passa a regular – se por este Estatuto.

Art. 2º. A AEP de Pedrão/BA é uma Associação civil, com personalidade jurídica e patrimônio próprio, sem cunho político-partidário e religioso com duração indeterminada, tendo sede provisória a Rua Joaquim Luna Menezes, nº14, Alto do Cruzeiro, Município de Pedrão, Estado da Bahia.

Art. 3º. Fica eleito o foro da Comarca de Irará – Bahia, para dirimir quaisquer assuntos relacionados à entidade.

Art.4º. A AEP de Pedrão – BA com base na historicidade dos ENCOURADOS adota como veste padrão do vaqueiro, a calça, o peitoral, jibão de couro e como símbolo da entidade o chapéu de couro. Nesse contexto, a representatividade do grupo dos

Encourados fica assim definida: (40) quarenta associados, cavaleiros, trajados com vestes de couro representando os vaqueiros e 01 associado, cavaleiro, trajado de frei representando frei Brayner.



Figura 24 - Reunião da Associação Encourados de Pedrão, registro realizado em 08 de junho de 2014, arquivo pessoal.

Os representantes reúnem-se sempre na Associação, para que o grupo sempre esteja organizado, empenhado em manter as tradições, e prontos para participarem de eventos locais e no desfile do Dois de Julho, como personagens importantes da história da Bahia.

De fato, as representações permitem também avaliar o que um indivíduo ou grupo constroem e propõem, para si mesmos e para os outros. Chartier, (1990, p.32), menciona as determinações da produção: “A representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades, faz parte integrante de sua realidade social”.

Para a Fundação Gregório de Mattos, responsável pela administração de espaços culturais soteropolitanos, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Cultura, a participação desses vaqueiros que personificam o movimento dos Encorados de 1823, através da Associação dos Encourados de Pedrão, se constitui em um marco de afirmação e visibilidade de uma memória histórica que deve ser mantida e assegurada como parte de um patrimônio coletivo. Diz Walter Benjamin, (1985, p.168): “O aqui e agora do original constitui o conteúdo de sua

autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo”.

Nesse sentido, a participação dos vaqueiros da Associação no desfile cívico do Dois de Julho configura-se em uma representação do movimento histórico dos Encourados e, ao mesmo tempo, manifesta e sustenta sua tradição, conforme artigo 5º do Cap. I do seu estatuto:

Art. 5.º A AEP tem como finalidades:

- A) Manter a história dos Encourados do município de Pedrão viva, pelo que representou na luta pela Independência da Bahia;
- B) Promover e divulgar a história dos Encourados de Pedrão através de palestras, documentários, seminários, desfiles, oficinas, teatro e outros, em espaços comunitários, assegurando - o e defendendo - o como patrimônio cultural do município de Pedrão;

Para Hall, (2003, p.52): “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Partindo dessa consideração, entendo que a produção cultural, base de sustentação da tradição do movimento dos Encourados, não se limita somente ao desfile cívico do Dois de Julho, ou através da personificação dos membros da Associação, mas se estende a uma representação significativa que reafirma e legitima a identidade cultural de uma comunidade.

Por outro lado, diante da perspectiva conjuntural contemporânea que compreende cultura como mercadoria e lhe atribui um sentido a partir do signo do trabalho, novos parâmetros devem ser pensados para assegurar a manutenção dessa tradição. Mediante essas práticas capitalistas os membros da Associação dos Encourados são provocados a repensar mecanismos que assegurem a manutenção dessa tradição para além do campo subjetivo. Então, torna-se crucial recorrer à ajuda financeira do poder público, conforme pontua no Art.5º do estatuto:

Parágrafo Único - A Associação para execução dos seus fins poderá assinar convênios, contratos e ajustes com órgãos e entidades do Município, Estado e União, bem como providenciar empréstimos em Bancos oficiais e privados, constituindo assim, o Fundo Social de manutenção da entidade, juntamente com os recursos oriundos das contribuições mensais de cada associado

Chego à conclusão, a priori, que a Associação, além de seu papel na manutenção da representatividade do movimento dos Encourados, personificados pelos atores do seu coletivo, aglutina para si a função de gestar a manutenção da

tradição histórica do movimento, como referência da cultura local pedronense. Algumas posturas são, assim, pensadas e colocadas em práticas, uma delas, partindo da (re)estruturação do sentido da Associação para a comunidade local, que deixa de ser uma formação casual, para se ajustar aos critérios regulamentais que legitimam sua função como grupo coletivo.

Nesse sentido, uma das primeiras medidas foi institucionalizar, isto é, transformar o grupo de participantes, inicialmente composto de maneira informal, em empresa jurídica seguindo todos os ritos burocráticos. Essa nova estrutura é uma condição exigida pelo Estado para garantir, via ajuda financeira, a manutenção das tradições culturais que estão presentes em seu território de abrangência.

Anderson Maia, Presidente da Associação dos Encourados de Pedrão, durante sua participação no V Colóquio sobre Modos de Produção e Circulação Cultural realizado na UNEB/ Campus II em Alagoinhas, no ano de 2013, afirmou que sem a presença do recurso que vem através da Prefeitura de Pedrão e a Fundação Gregório de Mattos, seria inviável a participação do grupo de associados no desfile do Dois de Julho, devido aos gastos com transportes de animais, alimentação das pessoas participantes e outras despesas. Outro fator relevante apontado foi, também, a proibição de animais em desfiles o que inviabilizaria a participação do grupo. Abaixo, foto do presidente Anderson Maia, durante sua participação no Colóquio referido acima:



Figura 25 - Fonte: Fotos de arquivo pessoal (Apresentação do presidente da Associação Encourados de Pedrão no V Colóquio Modos de Produção e Circulação Cultural – UNEB).

A Associação dos Encourados, além de oferecer condições para o grupo participar do desfile do Dois de Julho, também divulga informações sobre eles, a importância que tiveram para a história da Bahia, mantendo vivas as tradições e cultura do povo pedronense.

O diálogo entre o Estado e as tradições culturais reflete práticas capitalistas que norteiam essas relações, colocando de um lado a cultura e suas múltiplas configurações e do outro o poder público com suas “amarras” burocráticas e seu olhar mercadológico sobre as manifestações subjetivas e históricas de uma sociedade. Para Rubim (2007, p.53): “o itinerário das políticas culturais, não resta dúvida, produziu tristes tradições e, por conseguinte, enormes desafios”.

Circulou nos jornais do estado a notícia de que os Encourados de Pedrão não iriam desfilar na comemoração da independência da Bahia no ano passado e também nesse ano, 2014. O que ocorreu, segundo notícia da circulação, foi a falta de verba para custear os gastos com o transporte dos animais.

Essa postura do Estado em relação à cultura coletiva é algo que tem início desde o processo de colonização do Brasil, que durante esse período já começou a desenhar um panorama de distanciamento e de não comprometimento com a produção, manutenção e circulação das manifestações culturais.

Nesse entremeio, é necessário voltar a atenção para o processo de regulamentação e funcionalidade da cultura, uma vez que no decorrer da história, a humanidade, por meio dos governos, organizações e instituições, sofreu e por vezes sofre castrações, quando a cultura é capturada e usada para o controle. Dentro dessa problemática, destaco, a partir de Rubim (2007, p.61),

Uma das consequências da relação entre autoritarismo e cultura herança dos governos ditatoriais brasileiros responsáveis pela atual relação entre Estado e Tradição estaria caracterizado por uma sociedade desigual e elitista que privilegiou apenas a cultura monumental, ocidental, branca e católica.

Por outro lado, essa postura do Estado de afastamento em relação às práticas culturais enquanto tradições faz emergir, através dos debates que acontecem nas reuniões da Associação dos Encourados, propostas que procuram articular outros meios que assegurem a manutenção dessa tradição local. Essas ações vão ser pensadas como formas alternativas, através da participação dos membros da associação em eventos como palestras em escolas, universidades,

congressos; cavalgadas e demais encontros cujo objetivo é fazer conhecer e circular a memória dos Encourados.

A (des)regulação do universo produtivo concedeu forma a novos modos de sociabilidade e coesão. Se antes as práticas culturais estavam integradas ao dia-a-dia da comunidade e às práticas produtivas adstritas, agora ressignificadas se dão à fruição não apenas das comunidades de pertinência, mas atraem um novo público.

Os participantes não apenas praticam atividades cotidianas, mas comemoram a memória, celebram reflexivamente a diferença e a singularidade, reinventam o que afirmam ser seu passado e suas tradições, mobilizam sentimentos e tornam pública sua identidade, apresentando-a tanto aos seus membros como a estranhos. Benjamin (1985, p.172) pontua que:

Seria possível reconstituir em história da arte a partir do confronto de dois polos, no interior da própria obra de arte, e ver o conteúdo dessa história na variação do peso conferido seja a um polo, seja outro. Os dois polos são o valor de culto da obra e seu valor de exposição.

Observo, a partir dessa abordagem benjaminiana sobre o valor que perpassa a obra de arte que a Associação Encourados de Pedrão, na figura de seus associados, vai se debruçar em refletir mecanismos que garantam a perpetuação do valor da tradição dos Encourados para a sociedade. Esse ato reflexivo, que permeia as práticas conduzidas pela Associação, tem como objetivo procurar desnaturalizar a importância do movimento histórico para que ele não caia no esquecimento. Em Santos, (2005, p. 48): “ a realidade é um campo de possibilidades em que tem alternativas que foram marginalizadas ou que nem sequer foram tentadas”.

É nessa dinâmica de alternativas que vão ser pensadas e desenvolvidas, pela coletividade de associados, atividades que venham assegurar a produção e a circulação da tradição dos Encourados como forma de afirmação do seu lugar na história e na tradição local.

Anderson Maia, durante o V Colóquio de Modos de Produção e Circulação Cultural, já referido acima, afirmou que:

A visibilidade e a perpetuação do movimento são contínuas e estão presente nas mais diversas maneiras, desde as reuniões pontuais onde são determinadas ações com a participação em cavalgadas, palestras e comemorações cívicas municipais.³⁸

³⁸ Registro realizado em 28 de novembro de 2013.

Para o presidente da Associação, a atuação nessas diferentes frentes possibilita levar a tradição dos Encourados e assim fazer circular essa produção histórica.



Figura 26 - Encourados em formação- O grupo está sempre presente nos eventos da cidade, o que faz com que sua história e importância se tornem parte de cada um dos moradores da cidade. Foto de arquivo pessoal.

Na fala de Maia: “O alcance e a amplitude de ações que garantam a perpetuação de uma tradição exigem dos indivíduos tempo e disponibilidade para pensar e por em prática posturas de enfrentamento” (idem), fica evidente a necessidade de os associados possam refletir sobre mecanismos de produção e circulação a respeito da tradição de uma forma mais eficaz e presente.

Diante de um notável esvaziamento de debates entre o coletivo da Associação, muitas vezes justificados pelo labor diário, alternativas são pensadas para suprir essa lacuna, como a descentralização do local de reuniões.

Essa manobra foi pensada pelo presidente da Associação como forma de aproximar os demais membros e, ao mesmo tempo, descentralizar um território fixo, provocando, assim, a circulação de discussões e reflexões sobre as atividades propostas cujo objetivo é a garantia da perpetuação da tradição.

Todas essas atividades, pensadas como alternativas que objetivam manter o discurso sobre a tradição dos Encourados, decorrem de um esforço para que essa tradição/manifestação não seja considerada não digna de ser chamada e tratada como cultura. Uma vez que se observa uma desconsideração de tradições e práticas culturais como reflexo de um elitismo que, para Rubim (2007, p.68), toma forma em um plano macro social, no desconhecimento, perseguição e aniquilamento de culturas e na exclusão cultural a que é submetida parte significativa da:

população e categoriza as práticas culturais com o intuito de desconfigurar e silenciar culturas que não atendam o princípio hegemônico, uniformizante e homogêneo, ao mesmo tempo definindo-as como culturas subjacentes às políticas culturais empreendidas.

É nesse âmbito, e com uma postura de enfrentamento, que se propõe caminhar a Associação dos Encourados de Pedrão, com um projeto que procura criar condições para fomentar a tradição dos Encourados pela perspectiva histórica, através da personificação dos seus associados, com a disposição de levar essa tradição aonde quer que sejam convocados, contribuindo, nesse sentido, para a circulação da produção cultural que abriga o movimento.

Outro item que está presente na pauta das discussões da Associação refere-se à tentativa de avançar na demanda das questões financeiras, através da busca de parcerias públicas e privadas, com a finalidade de sustentar economicamente a estrutura física e social da Associação, respaldada no artigo 39º do cap. 5º do seu estatuto:

Art. 39º - Constitui a receita da Associação:

- I - A contribuição mensal ou anual dos seus associados;
- II - A renda patrimonial, inclusive juros, correção monetários e dividendos;
- III - A renda de emolumentos decorrentes de prestação de serviços, comercialização, transportes e outros;
- IV - Subvenções, doações em dinheiro, bens ou valores patrimoniais legados, de forma interna ou externa da Associação;
- V - Receita extraordinária e eventuais promoções diversas.

Diante das reflexões levantadas, em que se insere o movimento dos Encourados de Pedrão, enquanto manifestação cultural de uma dada comunidade observo, na esteira de Geertz (1989, p.24) que:

Os fenômenos culturais devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados e a análise cultural como estudo de sua constituição significativa e da contextualização social, posto que as formas simbólicas são constructos associados e processos sócio históricos nos quais são produzidos, transmitidos e recebidos. Dizem sempre de alguma coisa e estão dentro de uma estrutura articulada.

Constato que múltiplas são as tensões de poder que permeiam as representações culturais, que se organizam em associações e grupos responsáveis pela manutenção da tradição de um determinado coletivo social, bem como o poder público institucionalizado.

Esses entrecruzamentos se firmam no campo tanto das práticas, como das ideologias, ambas responsáveis por assegurarem a manutenção e o reconhecimento dessas manifestações culturais enquanto identidades coletivas sociais. No campo das práticas identifico essas forças atuando na insistência de ações efetivas por parte do poder público, através de políticas públicas que abarquem não apenas as culturas majoritárias, mas também outras tradições culturais locais respeitando e dialogando dentro do âmbito ideológico de cada uma.



Figura 27 - Quadro com fotos dos associados. Imagem cedida pela Associação Encourados de Pedrão.

Na imagem acima, destaco a visão geral dos membros dos Encourados de Pedrão. Objetivo, com isso, mostrar a importância que possuem para o município e seus moradores, pois através desse grupo e seus valorosos participantes, a cidade hoje é conhecida. Por participarem do processo de Independência, simbolizam a liberdade, sendo reconhecidos como heróis.

Esses entrecruzamentos que emergem, deixam claro que as ações desenvolvidas pela Associação Encourados objetivam garantir e manter a construção identitária local, seja ela individual ou coletiva, através de uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas

que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros.

Pensando a partir dessa perspectiva da construção da identidade de forma hegemônica, a AEP, em sua última eleição, resolveu por votação dos seus associados incluir em seu estatuto³⁹ a participação das mulheres em seu pleito, com direito à voz e voto, porém continua vedada sua participação como representantes do movimento histórico no desfile cívico e demais apresentações limitado a participação masculina. A propósito, isso representa um avanço importante, visto que o gênero feminino somente era percebido como voluntário, servindo apenas como apoio (prover água e alimentação) durante as manifestações públicas. Hoje a Associação abarca um número de 52 associados fixos, que pode variar consideravelmente em anos de eleições ou com a proximidade do evento cívico, devido à visibilidade que o grupo adquire, através das mídias regionais e nacionais.

Concluo dessa maneira que o papel da Associação abrange não só o campo da manutenção da memória e da importância do movimento histórico dos encourados; ela vai muito além. Entenda-se essa abrangência a prática de propostas que procuram ressaltar o acolhimento aos associados e nesse estreitamento de relações, todos possam ter o sentimento de pertencimento a um grupo que sabe interagir, trocar suas experiências e acima de tudo levar essa tradição a futuras gerações.

³⁹ Esse artigo não está contido nesse estatuto que usei como parâmetro para subsidiar essa pesquisa, de acordo com Anderson presidente da AEP este tópico se encontra na versão mais atualizada do Estatuto, não disponível ainda para consulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada teoria carrega a essência de sua aplicabilidade, cabendo ao pesquisador articular a teoria à sua pesquisa, levando em consideração até que ponto sua essência teórica faz emergir o real conceito do fato. Desse modo, algumas inquietações poderão ser abrandadas, mas não entendidas na sua totalidade, já que os elementos que compõem minhas análises se encontram inseridos em uma dinâmica que não para de construir, a todo o momento, outras provocações.

Nessa ambiência, o estudo das impressões/sentimentos dos personagens que dão vida ao movimento histórico dos Encourados de Pedrão de 1823 me permitiu entender durante a trajetória da pesquisa a dimensão do sentido que esses personagens atribuem ao darem vida a essas figuras que, dentro da historiografia baiana, marcam sua presença.

Esta constatação acima se evidenciou durante minhas idas a cidade de Pedrão, através das narrativas confiadas a mim por esses intérpretes, verifiquei que o resultado do envolvimento desses sujeitos acontece bem lá atrás, no seu espaço de vivência, nos primeiros contatos com a figura dos vaqueiros, sendo essa relação sujeito-imagem que nutre nos personagens o desejo de ser um deles.

Observei também, mais adiante, que provocados pelo fascínio do binômio performance e espetacularização, esses sujeitos se lançam muitas vezes sem entender as especificidades do movimento histórico no contexto em destaque. Com isso fica evidente que ao mesmo tempo em que os vaqueiros se percebem como os verdadeiros representantes do movimento de 1823, por outro lado muitos desses sujeitos não internalizam o real significado do movimento em questão.

Portanto essa pesquisa permitiu que algumas lacunas fossem preenchidas no que se refere a conhecer e compreender o sentido que é atribuído ao movimento histórico do Dois de Julho, pelos sujeitos que representam o

movimento de 1823, ao mesmo tempo em que gerou novos questionamentos diante da dicotomia: sentido de representação e ausência de consciência do real significado do movimento Histórico do Dois de Julho dentro da historiografia baiana. Contudo, sobre estes questionamentos que emergiram na trajetória da pesquisa, os deixo como estímulo para uma nova caminhada ou mesmo para pesquisadores/as os quais desejem se debruçar sobre o assunto aqui abordado.

Vale destacar nessa jornada minha admiração com a força e a importância da Associação dos Encourados de Pedrão (AEP), primeiro em intermediar a participação de seus membros no desfile cívico do Dois de Julho e, depois, em contribuir na manutenção da memória e da tradição que carrega o movimento histórico através de ações implementativas.

Observei de forma pertinente no campo das práticas a AEP afirmando-se como uma força atuando na insistência de ações efetivas por parte do poder público, através de políticas públicas que privilegiem não apenas as culturas majoritárias, mas as tradições menores. Enquanto ideologia, a Associação procura imprimir políticas de afirmação e pertencimento que possibilitem o reconhecimento da importância do grupo de representantes que carrega na sua produção, um conjunto complexo de significados e valores que são as marcas de uma sociedade.

Portanto considero que a presente pesquisa conseguiu responder minhas indagações apontadas na introdução desse texto quando, além de mostrar, trouxe para discussão a importância do grupo dos Vaqueiros Encourados de Pedrão, dentro do movimento de Independência da Bahia, além disso ainda foi possível através das trajetórias memorialísticas e das narrativas dos meus interlocutores contatar a dimensão do sentido que esses sujeitos atribuem ao ato de representar essas figuras históricas de 1823. Ao mesmo tempo, pude identificar que a AEP não se limita apenas intermediar a participação dos representantes no desfile cívico, mas é protagonista de outras ações que garantem tanto a manutenção como a circulação da memória através da participação ativa e efetiva de um grupo que procura trazer para a cena a força de seus heróis.

Assim, ainda me deparo com a possibilidade de levar o resultado dessa pesquisa para a sala de aula, atrelando ao cotidiano dos alunos através da minha prática pedagógica e, com isso, favorecer na composição de um novo espaço de discussão, contribuindo para inserção de outros olhares acerca de um capítulo da nossa historiografia baiana.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta Campos. O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Tese de doutorado (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas, 1996.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **Santos deuses e heróis nas ruas da Bahia**: identidade cultural na primeira Republica. Afro Ásia, 18. 1996

_____. **Algazaras nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889 – 1923)**. Campinas: UNICAMP, 1999.

AMARAL, Braz do. Centenário da Independência In: BAHIA. **Diário Oficial do Estado da Bahia. Edição Especial de Centenário**. Ano VII-34 da Republica/ Estados Unidos do Brasil. Cidade do Salvador, Segunda feira, 2 de Julho de 1923.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo. Companhia das Letras.

ANDRADE, Mário de. **As melodias do boi e outras peças**. (Preparação de Oneyda Alvarenga) São Paulo: Duas cidades, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982; In GERALDO, José. MORAES, Vinci de. História Geral e do Brasil, São Paulo, Atual 2005.

APEB: **Seção de Arquivos Coloniais e Provinciais**, março 1618.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. São Paulo: Papirus, 1999.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 2 ed. São Paulo: Brasileinse, 1986.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOSI, Eclea. Problemas ligados á cultura das classes pobres in: VALLE, Edenio, QUEIROZ, José I. **A cultura do povo**. São Paulo: Educ., 1982.

_____ **Memória e Sociedade: lembrança de velhos.** 11ªed: São Paulo, Cia das Letras, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna.** São Paulo: companhia das Letras, 1989.

_____ **Testemunha ocular: história e imagem.** São Paulo: EDUSC, 2000.

_____ **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005

CASCUDO, Luis da Câmara. **Vaqueiros e cantadores.** Coleção Reconquista do Brasil vol 81, São Paulo, ed. Itatiaia, 1939.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1990.

CHARTIER, Roger. **Entre práticas e Representações.** Lisboa, Difel, 1990.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro, 1997.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GALDINO, Jorge. **Pedrão Histórias e estórias.** Alagoinhas: Grafipel, 2009

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro. Zahar, 1989

GUERRA FILHO, Sergio Armando Diniz. **O povo e a guerra. Participação das camadas populares nas lutas pela Independência da Bahia. 2004:** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **As culturas nacionais como comunidades imaginadas.** In: A identidade cultural na pós-modernidade. SP: DP&A Editora, 2003.

KRAAY, Hendrix. Entre o Brasil e a Bahia; as comemorações do Dois de Julho em Salvador, séc. XIX. Revista Afro Ásia, nº023, UFBA, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 3ªed. UNICAMP, Campinas, 2003.

MARTINEZ, Socorro Targino. **2 de Julho: a festa é História.** Ed. Fundação Gregório de Matos, Salvador, 2000.

MATOS, Júlia Silveira. SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como Fonte: problemas e métodos.** Rio Grande, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória – a cultura popular revisitada.** São Paulo. ed. Contexto. 2013.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol:5 nº10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes [e outros](Org.). *História oral: desafios para o século XXI*, Rio de Janeiro: Fiocruz: Casa de Oswaldo Cruz: CPDOC – Fundação Getúlio Vargas.

PRIORI, Mary del. **Festas e Utopias no Brasil colonial.** Ed; brasiliense, São Paulo, 1994.

QUEIROZ, Washington. **Ofício de Vaqueiro Patrimônio Cultural da Bahia: Breve Histórico.** (Texto para apresentação para publicação na coleção Cadernos do IPAC).

Revista do IGHB, nº 48. Salvador, 1923.

RUBIM, Antônio Canelas. Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos. In: RUBIM, Antônio Canelas e BAYARDO, Rubens (orgs). **Políticas culturais na Ibero-América.** Salvador: EDUFBA, 2008.

RUFINO, Joel dos Santos. **O dia em que povo ganhou.** Ed. Círculo do Livro, São Paulo, 1979.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** 14ªed: São Paulo: brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal.** São Paulo, Record, 2008.

SEIXAS, Jacy A. **Percursos de Memória em Terras de História: Problemáticas atuais.** In: BRESCIANI, S. Naxara M. (org). Memórias (res)sentimentos. São Paulo: Editora. Unicamp, 2001.

SERRA, Ordep. **Rumores de Festa: O Sagrado e o Profano na Bahia.** 2ª ed. Edufba, Salvador, 2009.

SILVA, Arlenice Almeida da. **As guerras da Independência.** Ed. Ática, São Paulo, 1995.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa.** 2ªed. Petrópolis, 1998.

ZUMTHOR. **Introdução à poesia oral.** Belo Horizonte, ed. UFMG, 2010.

www.ibge.gov.br/cidades/topwindow.htm. Acesso em 20 de março de 2014.